



# ***Lélia Gonzalez***

o feminismo negro no palco da história



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Associação dos Amigos da Casa de Rui Barbosa



Ministério da Cultura



<b>FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL</b>
<b>Presidente</b> Jorge Alfredo Streit
<b>Diretor Executivo de Desenvolvimento Social</b> Éder Marcelo de Melo
<b>Diretor Executivo de Gestão de Pessoas, Controladoria e Logística</b> Dênis Corrêa
<b>Gerente de Educação e Cultura</b> Marcos Fadanelli Ramos
<b>Assessoria técnica</b> Juliana Mary M. Ganimi Fontes

<b>ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CASA DE RUI BARBOSA</b>
<b>Presidente</b> João Maurício de Araújo
<b>Vice-Presidente</b> Irapoan Cavalcanti
<b>Diretor-tesoureiro</b> João Aguiar Sobrinho
<b>Diretora-secretária</b> Maria Augusta Brandão

<b>FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA</b>
<b>Presidente</b> José Almino de Alencar e Silva Neto
<b>Diretora Executiva</b> Rosalina Maria Fernandes Gouveia
<b>Diretora do Centro de Pesquisa</b> Rachel Teixeira Valença
<b>Diretora do Centro de Memória e Informação</b> Ana Maria Pessoa dos Santos
<b>Coordenador-Geral de Planejamento e Administração</b> Carlos Renato Costa Marinho
<b>Chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira</b> Eduardo Coelho

<b>PETROBRAS</b>
<b>Presidente</b> Maria das Graças Silva Foster
<b>Diretor de Comunicação</b> Wilson Santarosa
<b>Gerente de Patrocínio</b> Eliane Costa
<b>Gerente de Patrocínio Cultural</b> Tais Wohlmulth Reis

<b>PRODUTORA CULTURAL</b> Abravideo
<b>Texto e Pesquisa</b> João Camillo Penna
<b>Coordenação Geral</b> Elizabete Braga
<b>Assistente de Pesquisa</b> Mariana Quadros
<b>Pesquisa Histórica e Iconográfica</b> Silvana Jeha
<b>Imagens de Arquivo</b> Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - FCRB Arquivo Nacional Arquivo Público Mineiro Biblioteca José e Guita Mindlin Casa de Lucio Costa Fundação Biblioteca Nacional Fundação Casa de Rui Barbosa Fundação Getulio Vargas Instituto de Estudos Brasileiro - USP Instituto Moreira Salles Jornal do Brasil Museu de Arte Moderna - RJ Museu Histórico Abílio Barreto Secretaria de Turismo de Itabira

<b>Digitalização e Tratamento de Imagens</b> Trio Studio
<b>Revisão de Textos</b> Cely Curado Ana Paula Belchor
<b>Análise Pedagógica</b> Rosa Gens Martha Alkimin Ana Crelia Dias Manoel Santana
<b>Design Gráfico</b> Ruth Freihof   Passaredo Design Chistiane Krämer
<b>Supervisão Geral</b> Ruy Godinho

**Imagem da capa e 4.ª capa**  
Drummond e sua filha Maria Julieta | Arquivo Carlos Drummond de Andrade - AMLB/FCRB  
Drummond sentado | Luiz Alphonsus/Arquivo Carlos Drummond de Andrade - AMLB/FCRB

<i>F866r</i>	<i>Penna, João Camillo. Drummond<span> </span>: testemunho da experiência humana / João Camillo Penna. – Brasília: Abravideo, 2011. 137 p.<span> </span>: il. ISBN 978-85-61467-09-8 1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. 2. Escritor brasileiro – biografia. 3. Biografia (Carlos Drummond de Andrade). I. Título. CDD 928.69</i>
--------------	--

# Apresentação

Homenagear Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), na 13.ª edição do Projeto Memória, uma parceria entre a Fundação Banco do Brasil, Associação de Amigos da Casa de Rui Barbosa e Petrobras, é um pretexto para lançar um novo olhar sobre a fundamentação do problema da memória, que atravessa a obra do poeta. Memória de uma história da vida privada e pública, nacional e mundial, material e imaterial, que está na origem da discussão sobre a preservação da memória histórica brasileira. Os exemplos mais evidentes são os poemas ou crônicas que tematizam acontecimentos históricos brasileiros ou mundiais, muitas vezes escritos no calor da hora e colados à notícia de jornal, notas de protesto contra a morte ou desaparecimento, notícias que lembram a necessidade de lembrar. Ou aquelas que “fotografam” cidades históricas, artistas, monumentos do período colonial mineiro, em comunicação direta com aquele que trabalhou durante 17 anos no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Sua vida e poesia são contemporâneas do programa de fundamentação institucional da memória histórica e artística brasileira como construção da nação pelo Estado. Em sua poesia, delinea-se, antes de tudo, um diagnóstico sobre o grande perigo que corre o humano em nossos dias, junto com seu emblema maior, a poesia. Eis o diagnóstico proferido pelo poeta estreante: “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade” [...] O último trovador morreu em 1914. E o que indicia o início da Primeira Guerra Mundial? “Os homens não melhoram/e matam-se como percevejos.” O poeta é portanto nada mais do que um “sobrevivente”, e sua vida junto com sua obra, uma sobrevida, que a própria poesia tenta preservar, fixando-a precariamente como a flor que nasce no asfalto. É assim que o poeta anuncia o nascimento de sua feia e precária flor: “Uma flor nasceu na rua!/Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego./Uma flor ainda desbotada/ilude a polícia, rompe o asfalto./Façam completo silêncio, paralisem os negócios, garanto que uma flor nasceu.” Cantor do acontecimento, do presente, o poema absolutamente moderno se desfaz de sua feição tradicional passadista para nomear o agora: “O tempo presente é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes/a vida presente.” Suas crônicas e poemas são pequenas intervenções na vida brasileira e mundial, numa tarefa sutil de salvamento do humano onde quer que ele se refugie, sinalizando o perigo iminente de sua destruição terminal. Cronista do presente e do passado, Drummond fixa a memória, patrimonializa a vida, testemunha sobre os fatos e coisas do presente no momento em que viram passado, atravessadas pela luminosidade opaca do tempo. Ou, como diz ele próprio no poema “Memória”:

*Mas as coisas findas,*

*muito mais que lindas,*

*essas ficarão.*

						
PATROCÍNIO			REALIZAÇÃO			

## INTRODUÇÃO

“Nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados [...], que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e, numa boa (Lélia Gonzalez)”.

Quem é essa mulher negra que, de maneira ousada, se dirige à sociedade brasileira, dessa forma e nesses termos? De que lugar ela fala? Que discursos e práticas a sua fala questiona e desconstrói?

As questões acima nos levam à trajetória histórica de Lélia Gonzalez, intelectual criativa, feminista, ativista antirracista e militante em partidos políticos. Uma educadora, filósofa, pós-graduada em Comunicação, que fez simultaneamente incursões acadêmicas nos terrenos da Antropologia, Psicanálise e Sociologia. Lélia dominava o inglês, francês e espanhol, o que lhe permitiu, também, atuar como tradutora de diferentes obras.

Uma mulher negra do mundo, que percorreu vários continentes, deixando, por onde passou, a marca de sua presença forte e pensamento inquietante sobre a sociedade brasileira, suas relações raciais e de gênero. Trouxe ainda para as agendas políticas e acadêmicas, nas quais estava engajada, as reflexões e os achados de seu incessante intercâmbio cultural.

Resgatar a memória de Lélia Gonzalez é, acima de tudo, assumir um compromisso político com a luta das mulheres negras do Brasil, com o avanço da compreensão das relações de gênero e com a observância efetiva dos direitos humanos. No plano acadêmico, implica expor a necessidade de interrogar as relações de poder mediadas pelas relações raciais e de gênero, temas ainda pouco explorados por nossa ciência política. É defender uma verdadeira concepção de democracia racial fundada na igualdade entre negros e brancos, entre homens e mulheres, em benefício da justiça social para todos e todas.



Lélia Gonzalez Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

o mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão do qual são vítimas na sociedade (Kabengele Munanga, 2004: p. 89)”.



Lélia em Belo Horizonte, matando as saudades da terra natal, em 1956 | Acervo Lélia Gonzalez

# 1 A ESTRELA NEGRA COMEÇA A BRILHAR

Lélia de Almeida nasceu no dia 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Minas Gerais. O sobrenome Gonzalez seria incorporado mais tarde, a partir da união matrimonial, em 1964, com Luiz Carlos Gonzalez.

Lélia foi a penúltima filha de dezoito irmãos. Seu pai chamava-se Acácio Joaquim de Almeida, homem negro, chefe de ferrovia e nascido na Lei do Ventre Livre (promulgada em 1871). Sua mãe Urcinda Seraphina de Almeida nasceu no Espírito Santo em 29 de março de 1898. Era analfabeta, do lar e de ascendência indígena.

Dona Urcinda casou-se, com seu Acácio, aos treze anos de idade, contra a vontade de sua família, porque estava “prometida” para um italiano louro de olhos azuis, assim relatou sua sobrinha Roselívia, chamada por todos de guardiã da memória da família Almeida<sup>1</sup>.

Após o casamento, permaneceram no Espírito Santo por algum tempo, onde nasceram seus primeiros filhos: Elisa (1913), futuramente cantora lírica e costureira da alta sociedade; e Francisco (1915), funcionário chefe da COMLURB. Em seguida, seu Acácio foi transferido para São Fidélis, município situado na região norte do Estado do Rio de Janeiro. Nesse município, às margens do rio Paraíba do Sul, nasceram alguns filhos e filhas: Cacilda (1917), carinhosamente chamada pelos/as sobrinhos/as de Tia Caçula, uma mulher do lar; Alfredo (1919), mecânico, falecido na década de 1950; Jayme (1921), jogador de futebol do Flamengo; Bráulio (1923), que também faleceu jovem; e Acácio (1925), que integrou as forças brasileiras na Segunda Guerra Mundial, retornando com sequelas.

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Roselívia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Vista área de Belo Horizonte, MG, década de 1930 | Arquivo Público Mineiro

Já na cidade de São Paulo, por um curtíssimo período, nasceu Nair (1927), auxiliar de enfermagem e parteira na cidade de Petrópolis, RJ. Novamente, seu Acácio foi transferido e, numa breve temporada no Rio de Janeiro, nasceu Lígia (1929), do lar, a última a falecer, no ano de 1998.

A década de 1930, considerada por muitos como uma das piores do século XX, começou com uma grande depressão e teve que conviver com uma sangrenta guerra mundial. No Brasil, a Revolução de 30, que leva ao poder o líder gaúcho Getúlio Vargas, desencadeia vários movimentos contestatórios, entre eles a Revolução Constitucionalista, encabeçada por São Paulo provocando a convocação da Assembléia Constituinte e mais tarde o início da ditadura Vargas.

Foi nesse cenário conturbado que a família seguiu para Belo Horizonte, onde a prole não parava de crescer. Nasceram na capital mineira: Maria das Dores, a Dora (1931), do lar; Sebastião, Tio Tião (1933), mais um jogador de futebol do Flamengo; Lélia (1935); e, por fim, Geraldo (1937), motorista que trabalhou para o governo do Paraná e morreu por lá.

No total, Dona Urcinda engravidou dezoito vezes, mas perdeu cinco filhos/as ao longo desse processo. Seguindo os costumes da época e compatível com as condições financeiras do casal, todos/as nasceram em casa, com o auxílio de uma parteira.

Após o falecimento de seu Acácio – no início da década de 1940, assim que a família chegou ao Rio de Janeiro – os irmãos maiores tornaram-se responsáveis pelo sustento da casa. Elisa, a mais velha das mulheres, cuidou de todos os/as filhos/as junto com a mãe, situação ainda vivenciada pelas camadas mais pobres da sociedade.

Lélia e as irmãs experimentaram, na infância, o modelo tradicional de criação, então dispensado às que eram do sexo feminino, em que os limites do mundo eram as paredes do lar. Aprendendo boas maneiras e as lidas domésticas se es-



Formatura do ginásio no Colégio Rivadavia Corrêa, Rio de Janeiro, 1951 | Acervo Lélia Gonzalez



Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, RJ, década de 1940 | Fundação Getúlio Vargas - CPDOC

perava por um casamento. A essa visão de mundo de dona Urcinda, comum na década de 1930, juntava-se a dificuldade financeira para dar conta de uma família numerosa. Justamente por isso, a escola, que para as meninas se restringia ao curso primário, acabava ficando em segundo plano, especialmente quando a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa se impunha. O que não era raro. Lélia e Nair, porém, conseguiram fugir à dominação da mãe e seguiram o seu caminho.

## Seios que alimentam possibilidades

Lélia enfrentou o modelo de exclusão social fortemente enraizado e, desafinando o coro do destino, levou adiante os estudos. Mas, como uma criança negra, do sexo feminino, pobre, que se tornou órfã de pai e era filha de mãe analfabeta conseguiu romper com isso? Além do esforço pessoal, quis o destino que, já na infância, alguns fatores se juntassem abrindo novos caminhos. O primeiro deles podemos atribuir ao fato de ter sido Lélia a penúltima filha, cabendo aos irmãos mais velhos a responsabilidade pelo sustento da família. Ainda assim Lélia teve que enfrentar o batente.

A solidariedade sempre atenta de dona Urcinda levou-a a socorrer uma família italiana, cuja filha perdera a mãe no parto e necessitava de alguém que pudesse amamentá-la. O gesto estreitou ainda mais a relação entre as famílias e propiciou à Lélia estabelecer laços afetivos com eles. Como consequência dessa amizade, os italianos financiaram os seus primeiros estudos ainda em Belo Horizonte<sup>2</sup>, um aspecto que a marcou profundamente e seria lembrado em diversas ocasiões.

Recordando sua trajetória educacional, anos mais tarde, em entrevista a um jornal no Rio de Janeiro, diria Lélia: “Me recordo perfeitamente que cada uma dava uma coisinha, uma irmã dava um sapatinho, outra dava uma meinha e outra

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

fazia o uniforme, etc. [...] Estudei com muita dificuldade. Os livros eram emprestados pelas colegas [...] Eu ia estudar nas casas das amigas. Enfim, até chegar à universidade”.

Outro importante fator para a continuidade de seus estudos e o protagonismo de ter se tornado a única da casa a avançar além do ensino superior, foi a vinda da família para o Rio de Janeiro, em 1942. Jayme de Almeida, irmão pelo qual Lélia tinha grande admiração, se destacou como jogador de futebol no Atlético Mineiro, sendo então convidado a atuar no time carioca Clube de Regatas do Flamengo.

Na cidade maravilhosa, foram morar, por pouco tempo, no Leblon, onde Lélia iniciou seus estudos na Escola Manoel Cícero. Nessa breve temporada na Zona Sul, seu Acácio faleceu e a família instalou-se no bairro de Ricardo de Albuquerque, subúrbio da cidade<sup>3</sup>. O trem tornou-se então o principal veículo para o deslocamento de Lélia até o centro da cidade, onde se localizava o colégio Rivadavia Corrêa, no qual concluiu o curso ginásial em 1951<sup>4</sup>.

Um tempo de mudanças e novidades para Lélia em muitos aspectos, mas não em todos. As dificuldades financeiras se apresentaram e foi preciso trabalhar. Assim, ao lado dos livros e tarefas escolares, Lélia conviveu, por algum tempo, com os afazeres próprios de uma babá. Tomar conta de crianças e trabalhar como doméstica em casa de família era o cotidiano comum na vida de meninas negras, em grande maioria, igualmente pobres. inclinou-a à espiritualidade<sup>5</sup>.

Revelava-se, assim, outro lado da grandeza de Lélia Gonzalez, o de colaborar, com sua própria experiência, para desconstruir o imaginário sobre os negros considerados “bem sucedidos”, frequentemente utilizados pela mídia para referendar e justificar o mito da democracia racial, na medida em que são apresentados como pessoas sem qualquer vestígio de terem enfrentado situações de racismo, ou se, vez por outra, se defrontaram com situações desse tipo, não foram afetadas.

- <sup>3</sup> Entrevista concedida por Roselvívia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.
- <sup>4</sup> FELIPPE, Ana Maria. Lélia Gonzalez: Mulher negra na história do Brasil. Amaivos, Rio de Janeiro. 2009. Seção Cultura e Religião. Subseção Afrodescendentes. Disponível em: <[http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=13070&cod\\_canal=71](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=13070&cod_canal=71)>. Acesso em: 9 jul. 2011.
- <sup>5</sup> Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 20 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Capa do álbum de formatura de Lélia, Colégio Rivadavia Corrêa, Rio de Janeiro, 1951

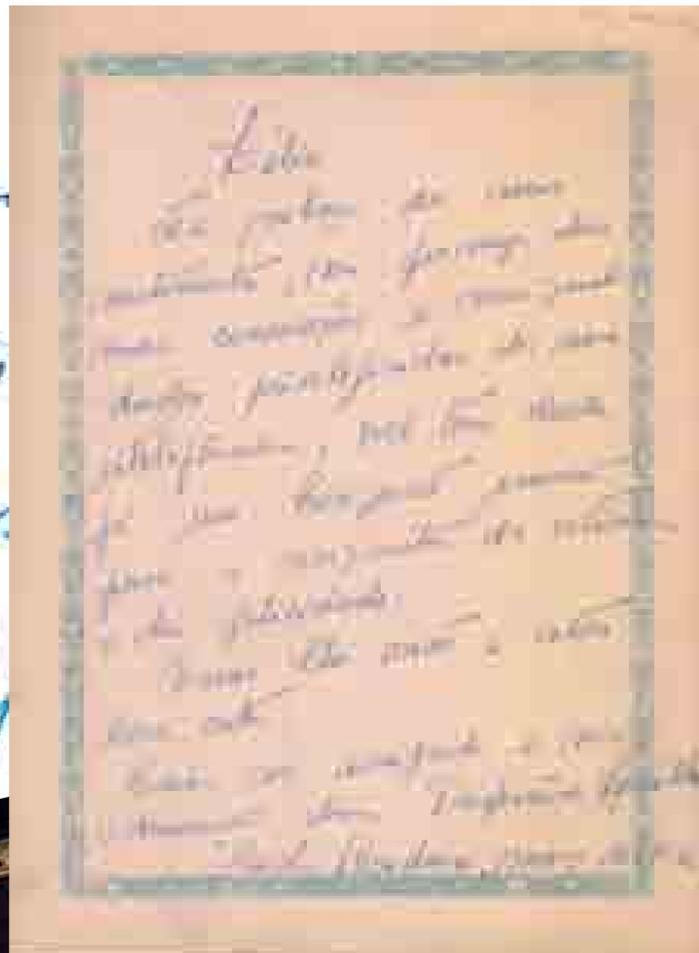
| Acervo Lélia Gonzalez

Jayme, Irmão de Lélia Gonzalez, Machu Pichu, maio de 1968 | Acervo Lélia Gonzalez

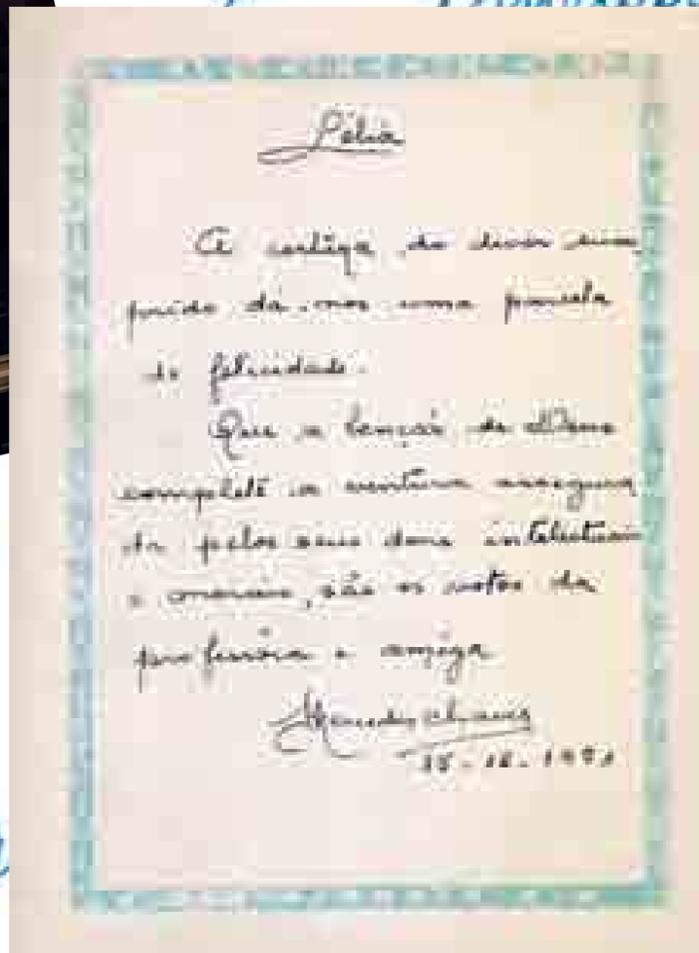
Tião, Irmão de Lélia Gonzalez, 1953 | Acervo Lélia Gonzalez

Geraldo, Irmão de Lélia Gonzalez, Formatura em Datilografia | Acervo Lélia Gonzalez





Em Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1961 | Acervo Lélia Gonzalez



## Guardando lembranças...

Por muitos anos as páginas do diário pessoal de Lélia, que, não por acaso, trazia na capa a palavra “Lembranças”<sup>1</sup>, guardaram depoimentos de professores(as) da Escola Rivadavia Corrêa, em que reconheciam e destacavam seu empenho pessoal e seu potencial...

*“Lélia, a certeza do dever cumprido dá-nos uma parcela de felicidade. Que a benção de Deus complete a ventura assegurada pelos seus dons intelectuais e morais são os votos da professora e amiga, Mercedes Chaves (15 de dezembro de 1951)”.*

*“Lélia, na nobreza dos seus sentimentos, na firmeza das suas convicções e nas qualidades privilegiadas da sua inteligência, você tem desde já um horizonte imenso para a conquista da vitória e da felicidade. Essas lhe virão e estou bem certa. Creia na amizade e na admiração da Professora Lyvia. Escola Rivadavia (março, de 1952)”.*

*“Lélia, aqui lhe rendo homenagem pela sua dedicação aos estudos e pelos seus dotes excepcionais de inteligência, fazendo votos para que, com a ajuda de Deus, tenha um futuro brilhante e feliz, de que é de todo merecedora. O professor de Geografia, Mário de Sousa Freitas (03 de dezembro de 1951)”.*

Caderno de Lembranças de Lélia Gonzalez, década de 1950 | Acervo Lélia Gonzalez

<sup>1</sup> Diário de Lembranças de Lélia localizado no Acervo Lélia Gonzalez durante a pesquisa de campo realizada no mês de agosto de 2011, no Ilê Oxum Apará, Itaguaí.



## Roda viva

Certamente Lélia precisou estudar muito para ultrapassar os muros do tradicional Colégio Pedro II, instituição consagrada e disputada por centenas de alunos e alunas que desejavam frequentar o ensino superior. A conclusão do antigo curso científico, em 1954, foi o início de uma brilhante trajetória levada adiante na antiga Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O diploma de bacharelado, em História e Geografia, veio em 1958 e o de licenciatura no ano seguinte. Pela mesma instituição graduou-se em Filosofia, bacharelado em 1962 e licenciatura em 1963.

Nessa roda viva de ter que garantir o próprio sustento, Lélia compatibilizava os estudos com o trabalho. Lecionava no Colégio Piedade, no Colégio Andrews, no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da UEG, onde ministrava aulas de Filosofia, e na Fundação Educacional e Universitária Campograndense (FEUC), respondendo pela docência das disciplinas de Introdução aos Estudos Históricos e História Moderna e Contemporânea.

Diploma de Licenciatura em História e Geografia, UEG, 1959 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Bacharel em Filosofia, UEG, 1962 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Licenciatura em Filosofia, UEG, 1963 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Bacharel em Ciências e Letras, Colégio Pedro II, 1954 | Acervo Lélia Gonzalez

Festival de Teatro de estudante, em Santos, São Paulo, 1959 | Acervo Lélia Gonzalez

resolve,  
de 1937, conferir-  
54, 132 da Inde-  
da fundação do



Em 1964, através de um Golpe de Estado, os militares assumiram o poder no Brasil onde permaneceram por 20 anos, período conhecido como Ditadura Militar. | Agência O Globo

## O ALUNO

### Quando o coração bate mais forte...

Na Faculdade de Filosofia, o coração de Lélia será atingido para além dos filósofos da antiguidade. Lá estava Luiz Carlos Gonzalez, também aluno, por quem seu coração bateu mais acelerado. Deram início a uma forte relação, oficializada com o casamento em 1964. Nesse período, os militares assumiram o poder e a vida política passou a ser controlada por atos institucionais, que fortaleciam cada vez mais o regime imposto. O casal passou a enfrentar, além da turbulência política, a turbulência familiar.

Até o matrimônio, Lélia morava com seus parentes na Tijuca. Ao se casar com Luiz Carlos, mudou-se para o mesmo bairro. Foi um casamento atribulado, pois os pais do marido, não aceitavam a união dos dois<sup>1</sup>.

O relato de Lélia sobre essa união é uma das muitas expressões através das quais se evidencia a dinâmica das relações raciais e suas perversas dimensões pessoais da interação entre negros e brancos:



Lélia Gonzalez e Luiz Carlos, seu primeiro marido, década de 1960 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1969 | Acervo Lélia Gonzalez

Luiz Carlos Gonzalez, 1964 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, 1966 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, 1963 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, 1971 | Acervo Lélia Gonzalez

Luiz Carlos Gonzalez, | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, 1968 | Acervo Lélia Gonzalez

Quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso ‘democrático racial’ veio à tona e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de “concupinagem” porque mulher negra não se casa legal mente com homem branco; é uma mistura de concubinato com sacanagem em última instância. (Lélia Gonzalez)<sup>2</sup>.

O conflito se acentuou ainda mais quando a família de Luiz Carlos descobriu que estavam legalmente casados: “aí veio o pau violento em cima de mim; claro que eu me transformei numa ‘prostituta’, numa ‘negra suja’ e coisas assim desse nível... Mas, de qualquer forma, meu marido foi um cara muito legal, ele sacou todo o processo de discriminação da família dele, e ficamos juntos até sua morte (Lélia Gonzalez)”.

Desde seu falecimento, um ano depois de casados, Lélia não mais abandonou o sobrenome Gonzalez. Em entrevista ao Jornal Pasquim (1986), afirmou que despertou para sua condição de mulher negra com Luiz Carlos. Certamente, os problemas que enfrentava com a família dele motivaram a conscientização de sua condição:

“Ele encheu o saco e rompeu relações com a família de novo. As relações com a família dele eram muito complicadas, tão complicadas que ele acabou se matando (Lélia Gonzalez)”.

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Roselvíia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

<sup>2</sup> GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, n. 2, p. 383-386, 2. sem. 1994.



Lélia se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações. Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1968 | Acervo Lélia Gonzalez

## Dando a volta por cima...

Abalada com o suicídio de seu companheiro, Lélia se afastou, por algum tempo, das atividades acadêmicas. Viajou ao encontro de uma amiga em Barbacena, Minas Gerais, em busca de refúgio onde pudesse pensar sobre a tragédia e digerir o que acabara de vivenciar.

Ao regressar para o Rio, retomou o trabalho docente e voltou a se dedicar à tradução de textos filosóficos, que já havia iniciado em 1964, com o livro Curso Moderno de Filosofia, de Denis Huisman e André Vergez, para a Editora Freitas Bastos. Posteriormente, traduziu dois volumes do livro Compêndio Moderno de Filosofia, dos mesmos autores. O primeiro volume denominado A ação, em 1966, e o segundo, denominado O pensamento, em 1968.

Na segunda metade da década de 1960, o seu interesse pela Filosofia se acentua. Lélia inicia diversos cursos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG, sendo um deles sobre Introdução ao Pensamento Existencialista, em 1967. No ano seguinte, começa a ministrar aulas de Filosofia, Psicologia e Sociologia no Colégio Santo Inácio, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ingressa na Universidade Gama Filho, como professora-assistente na disciplina de História da Filosofia.

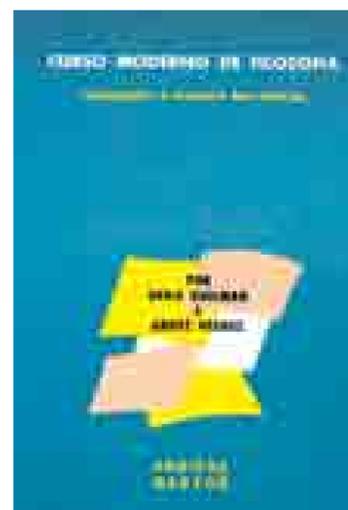
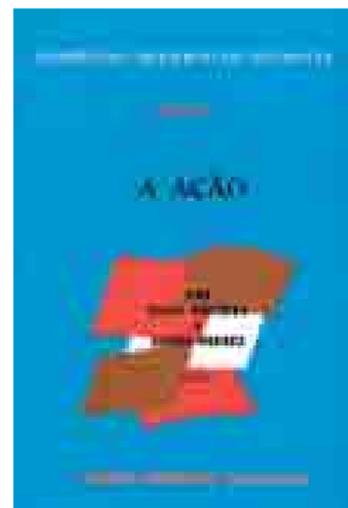
Na vida familiar, sua irmã Dora, que estava separada do marido e com três filhos – Roberto, Roselívia e Roseni –, engravida e Lélia oferece total apoio para que levasse adiante a gravidez. Assim, torna-se “mãe” de seu sobrinho Rubens Rufino, carinhosamente por ela chamado de ‘Manéu’. *“Quando eu nasci, na maternidade em São Cristóvão em frente à Quinta da Boa Vista, a Lélia foi me visitar, a Dora, minha mãe biológica, imediatamente disse ‘toma que o filho é seu’ (Rubens Rufino)”*.



Lélia na casa de um aluno no Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1965 | Acervo Lélia Gonzalez



As irmãs Dora e Lélia, no casamento do filho Rubens com Joyce, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez



Com o falecimento de Dona Urcinda, em 1967, “a família se espalha”. Dora foi morar em Petrópolis e Lélia fica com o garoto. Dois anos após, foram viver com o engenheiro Vicente Marota, segundo marido de Lélia, na Tijuca, na Rua Hadock Lobo (Eliane de Almeida)<sup>1</sup>.

O final da década de 1960 foi uma fase de endurecimento do regime militar, e, por isso mesmo, os estudantes buscavam espaços alternativos onde pudessem manifestar suas ideologias. A liberdade de expressão estava cerceada pela ditadura. Lélia resistia à sua maneira aqueles duros tempos. Segundo seu amigo Januário Garcia, a parceria entre ambos se iniciou quando eram vizinhos. Ela tinha como hábito reunir um grupo de estudantes em sua casa para discutir a filosofia existencialista. Com isso, seus principais expoentes – Simone de Beauvoir, Sartre, Althusser – eram lidos e refletidos por todos/as<sup>2</sup>.

No início dos anos 1970, Lélia e Vicente se mudaram para o bairro do Cosme Velho. Rubens ficou com a mãe biológica e passava os finais de semana com a “tia” Lélia. Nessa década, inicia-se a consolidação da líder intelectual e ativista que influenciará os rumos dos movimentos feministas e negros do Brasil.

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Januário Garcia à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 28 de setembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Capa do livro ‘Compêndio moderno de Filosofia’, de Denis Huisman e André Vergez, Tradução do francês para o português, a Editora Freitas Bastos, 1º Volume “A ação”, 1966 | Acervo REDEH

Capa do livro ‘Curso Moderno de Filosofia’, de Denis Huisman e André Vergez, Tradução de Lélia Gonzalez do francês para o português, Editora Freitas Bastos, 1965 | Acervo REDEH









# 2 FEMINISMO, MULHERIDADE E MULHERISMO — AS AMEFRICANAS



III Conferência Mundial sobre a Mulher, Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

A revolução cultural e sexual promovida pelos movimentos feministas na Europa e nos EUA, a partir da década de 1960, desafiou as mulheres brasileiras a reinterpretá-los à luz das características de nossa sociedade. Assim, contaminadas por essas transformações, um importante conjunto de mulheres, do qual Lélia foi peça fundamental, empreendeu a revitalização do movimento feminista.

Sob o slogan, Diferentes, mas não Desiguais, travaram-se mundialmente lutas concretas em prol da construção de uma sociedade igualitária para as mulheres. Pressionada por vários grupos e lideranças mundiais, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher e os anos de 1975 a 1985 como a Década da Mulher, em todo o mundo.

A necessidade de transformar o papel feminino difundiu-se nos mais variados países, independentemente do grau de seu desenvolvimento. No entanto, Lélia salientava que o Movimento Feminista encontrava-se: “preocupado, ora com a exploração de classe, ora com uma postura eminentemente antisexistista e faltou-lhe o entendimento da questão racial, pelo menos nos idos de 1970. Não queremos dizer, com isso, que tal incompreensão não perdure até os dias atuais (Lélia Gonzalez)”<sup>1</sup>.

1 GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 3., 1983, Rio de Janeiro. Comunicação... Rio de Janeiro: CEAA, Conjunto Universitário Cândido Mendes. 1983.

Os escritores Schumacher e Vital Brazil (2007) atentaram para o fato de que, na época, o movimento feminista estava centrado no enfoque de um gênero branco e ocidental. Não se mostrava hábil, o suficiente, para superar as próprias assimetrias que atingiam as mulheres, em especial as afrodescendentes.

Isso seria, ainda, determinante para a posição de classe das mulheres negras na sociedade brasileira. A urgência de elaborar uma agenda política específica motivou essas mulheres a criarem suas próprias organizações. Para o emergente Movimento Feminista, esse posicionamento tinha o potencial de introduzir o divisionismo dentro de um grupo que lutava para se afirmar na sociedade. Porém, a questão racial não estava contemplada na pauta de discussões.

Sobre isso, a ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR) Luiza Bairros comenta que Lélia via o feminismo como um movimento de mulheres brancas, onde ela era a criadora de caso. Isso porque, no interior do movimento, havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo: “as mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá pra gente dialogar com elas, etc.”<sup>2</sup>.

Essa verbalização pública, por uma mulher negra, dos agravos produzidos pelo racismo sobre suas irmãs de cor, contrariava a narrativa consagrada em nossa sociedade brasileira. O discurso da democracia racial negava a existência de racismo no Brasil. E, por fim, o próprio Movimento Negro foi confrontado por essa posição de Lélia. Para ela, os companheiros de luta, embora com uma consciência muito avançada sobre as questões de raça e classe, reproduziam todas as práticas sexistas da sociedade brasileira, no que dizia respeito às especificidades das mulheres negras, suas companheiras de militância<sup>3</sup>.

Na verdade, essa constatação dolorosa acabou por levar as mulheres negras a se organizarem separadamente. Em consonância com essa visão, Lélia irá criar em 1978, no interior do MNU (Movimento Negro Unificado), o Centro de Lutas Luiza Mahin. Sobre isso, afirmava que a referência a Luiza Mahin<sup>4</sup> era sintomática.

Ela repousava no fato de que, de início, as exigências do movimento negro nos pareciam muito mais importantes do que aquelas que nos diziam respeito enquanto mulheres; ou seja, a consciência racial se impunha com mais força que a sexual. Mas era a própria prática dentro do movimento negro que nos remetia à questão da discriminação sexual<sup>5</sup>.

Disso decorre que os primeiros grupos organizados de mulheres negras surgiram exatamente no bojo do Movimento Negro (MN). Segundo Lélia:

(...) isto é plenamente compreensível, uma vez que é no MN que se tem a oportunidade de desenvolver toda uma consciência ideológica e política a respeito do racismo e de suas práticas, assim como do modo como a questão racial se articula com aquela da exploração de classes. Daí a compreensão de que a exploração sexual da mulher passa também a ser um componente de grande importância para o entendimento das relações de opressão e dominação em nossa sociedade<sup>6</sup>.

Assim, o compromisso das mulheres negras com a transformação social era visto por Lélia como prioridade, pois como: “amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós a marca da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo trazemos conosco a marca da libertação de todos e de todas”

2 BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Afro-Ásia. Salvador, n. 23, 2000. Seção Homenagem. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011

3 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

4 A historiografia brasileira não conseguiu desvendar a origem de Luiza Mahin, não se sabe se veio da África, ou se nasceu em Salvador. No entanto, ela pertencia à nação nagô-jeje, da etnia Mahi, e dizia ter sido uma princesa na África. O que sabemos ao certo é que foi uma das lideranças femininas da “Revolta dos Malês”, em 1835, ocorrida no Estado da Bahia. Mãe de Luís Gama – poeta e um dos maiores abolicionistas do Brasil.

5 GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 3., 1983, Rio de Janeiro. Comunicação. Rio de Janeiro: CEAA, Conjunto Universitário Cândido Mendes. 1983.

6 GONZALEZ, Lélia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 3., 1983, Rio de Janeiro. Comunicação. Rio de Janeiro: CEAA, Conjunto Universitário Cândido Mendes. 1983.

## Ontem e hoje

Na defesa de tais posições, Lélia Gonzalez trouxe à discussão os efeitos perversos que o patriarcalismo associado ao racismo produz sobre as mulheres negras: níveis mais amplos de exclusão social que mantêm as mulheres negras, em sua maioria, entre os extratos sociais que padecem de pobreza extrema; número maior de chefia de famílias; e rejeição estética especialmente no mercado de trabalho.

Ou seja, desde Lélia Gonzalez, se compreende que ser mulher e negra é ocupar um lugar peculiar na sociedade brasileira, recortado por múltiplas injunções que se potencializam para dificultar sua inserção social. No entanto, Lélia nos aponta que esse lugar peculiar pode determinar uma ótica original capaz de apreender ângulos, nuances e especificidades da sociedade. Isso porque a mulher negra pertence a um determinado gênero, a uma racialidade identificada e a uma classe social específica, situação que lhe permite esse olhar diferenciado e privilegiado sobre o seu lugar na sociedade.



Lélia Gonzalez, Ladeira dos Guararapes, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980

| Acervo JG/Foto Januário Garcia

Lélia Gonzalez. Artigo Mulher negra: um retrato, Jornal Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, 1979 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



...de uma mulher negra, que se tornou um símbolo de resistência e luta social. Ela não apenas defendeu os direitos das mulheres, mas também os dos negros, mostrando que a luta é comum a todos os que vivem na periferia das grandes cidades.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

## Mulher negra: um retrato

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

...o legado de Lélia Gonzalez é uma inspiração para muitas mulheres negras que continuam a lutar por justiça social e racial. Sua obra é um chamado para a união e a ação coletiva.

...a importância de preservar a memória de Lélia Gonzalez e de suas ideias. Ela foi uma mulher visionária e corajosa, e suas contribuições devem ser reconhecidas e valorizadas.

...a luta por uma sociedade mais justa e equitativa. Ela acreditava que a educação e a cultura eram fundamentais para a transformação social, e que as mulheres tinham um papel central nisso.

Um time completo de marginais

### Queda de Braço

Uma antologia de contistas mal comportados, fanados, lampiônicos, melancólicos, bêbados, irreverentes e sem um pouco de deslumbrados, organizada por Glauco Matoso e Nilton Maciel.

R\$ 130,00

Publicada pela Revolução Postal e Editora — Edição de Livro, Arte e Sistema Ltda. Caixa Postal 6122, Rio de Janeiro — RJ



Evento SECNEB - Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, Cachoeira, Bahia, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez

Essa visão impulsionará a mobilização e a organização das mulheres negras. Quando um grupo de mulheres se reuniu na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no ano de 1975, para comemorar o Ano Internacional da Mulher, designado pela ONU, lá estavam as mulheres negras denunciando a exploração e a opressão a que eram submetidas <sup>1</sup>.

Essa presença tornou-se recorrente, em eventos posteriores, fortalecendo as agendas políticas desse segmento.

Lélia apontou, ainda, as formas particulares de violência, abuso e assédio sexual que os estigmas e estereótipos raciais produziam sobre as mulheres negras desde os tempos coloniais. Em uma de suas falas mais cruas sobre esse processo de atribuição de uma sexualidade estigmatizada às mulheres negras, Lélia denunciava a maneira pela qual a iniciação sexual dos homens brancos se dava pela apropriação sexual das escravas negras, submetidas ao poder patriarcal colonial. Tratava-se de um momento histórico, no qual as mulheres brancas se achavam confinadas no espaço doméstico e sua sexualidade estava sob o absoluto controle do poder masculino e só podia ser exercida para fins de reprodução, conforme as rígidas regras da moralidade da época que, “naturalmente”, só se aplicavam às mulheres brancas.

Esse comportamento masculino em relação às mulheres negras irá se reproduzir, no período pós-abolição, no impune assédio sexual às empregadas domésticas, sendo perceptível também na forma estereotipada de representar as mulheres negras como mulatas.

<sup>1</sup> GONZALEZ, Lélia. Afro-Ásia. Salvador, n. 23, 2000. Seção Homenagem. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011.



Lélia Gonzalez, ..., e Benedita da Silva, década de 1980 (Ver com Schuma) | Acervo Lélia Gonzalez



Entrevista Lélia Gonzalez, Jornal Auê, Rio de Janeiro, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. III Congresso Afro-Brasileiro. Recife, Pernambuco, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

Analisando as reflexões de Lélia sobre o imaginário corrente na sociedade em relação às mulheres negras, o pesquisador Alex Ratts aponta que: *“Lélia Gonzalez identifica que as mulheres negras no espaço público em geral e do entretenimento, em especial no âmbito carnavalesco, eram vistas como mulatas. Figura que permeia o imaginário colonial escravista brasileiro, se reconstituindo no período republicano em que floresce o mito da democracia racial (...)”*<sup>2</sup>.

Ratts percebe que, em Lélia,

*“o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura de mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no [dicionário] Aurélio, a outra função da mucama está entre parênteses [amásia escrava]. Deve ser ocultada, recalçada, tirada de cena. Mas isso não significa que não esteja aí, com sua malemolência perturbadora. E o momento privilegiado em que sua presença se torna manifesta é justamente o da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o Carnaval. Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano (...). Como se pode observar, a autora divisa uma imagem no espaço público e outra no espaço privado, mas apreende que ambas se prolongam de um âmbito para o outro assim como as imagens referidas de mulata e doméstica”*

<sup>2</sup> RATTIS, Alex. Os lugares da gente negra: raça, gênero e espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

## Duplo pertencimento

Lélia Gonzalez participava de dois movimentos sociais: o movimento feminista e o movimento negro, entre os quais ela atuava como mediadora, partilhando perspectivas e reivindicações, bem como uma história de violências e opressões. Esse duplo pertencimento fazia com que seu feminismo incorporasse, sempre, a sensibilização e parceria dos homens no processo de emancipação das mulheres, ao contrário do que era corrente na época, sobretudo para a construção de relações mais igualitárias na vida privada. Por isso para Lélia:

A questão da sexualidade tem que ser discutida num nível mais amplo e não no nível do orgasmo, pura e simplesmente. Estou propondo um orgasmo muito maior, um prazer e uma felicidade muito maiores. [...] Precisamos assumir uma posição mais equilibrada em termos dessa relação homem/mulher, por que eu não sou mulher sozinha, eu sou mulher com um homem, e é nessa relação que eu vou afirmar a minha “mulheridade”, numa relação de troca com o homem, se não a gente dança. E esses valores da cultura africana estão lá esquecidos no inconsciente da gente, e têm muito a contribuir no sentido do equilíbrio da relação homem/mulher<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> MNU Jornal, [S.l.], n. 19, p. 08-09, maio/jul. 1991. Entrevista.



De acordo com o pesquisador Alex Ratts (2010), esse conceito ‘mulherismo’ é uma tradução livre de Lélia Gonzalez para o termo ‘womanism’ criado pela escritora afro americana Alice Walker, conhecida por sua obra “A cor púrpura”. WALKER, Alice. The color purple. United States: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

III Conferência Mundial sobre a Mulher. Lélia e outras militantes. Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985

| Acervo Lélia Gonzalez







Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981. Na foto Abdias do Nascimento – num ato simbólico – beija a terra de Palmares | Acervo JG/Foto Januário Garcia

## Por um Feminismo Afrolatinoamericano

Lélia não se limitou à crítica do movimento feminista branco. Ela também se deteve naquilo que considerava desvios do emergente feminismo negro, pois não representava a trajetória das mulheres negras das classes populares, não traduzia suas necessidades prioritárias e nem dialogava com suas expressões culturais próprias.

Para equacionar essas contradições, ela apontava que as amefricanas, as mulheres da diáspora africana na América Latina e no Brasil, teriam resistência ao feminismo por não se verem nele representadas e por seu discurso lhes parecer algo distante de suas experiências e de seus cotidianos. Segundo Lélia:

**“Herdeiras de outra cultura ancestral, cuja dinâmica histórica revela a diferença pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de mulheridade do que de feminidade, de mulherismo do que de feminismo. Sem contar que sabem mais de solidariedade do que de competição, de coletivismo do que de individualismo”.**

Com essa posição, Lélia irá confrontar o feminismo latinoamericano no artigo Por um Feminismo Afrolatinoamericano: **“(…) apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação por orientação sexual, não aconteceu o mesmo com outros tipos de discriminação, tão grave como aquela sofrida pela mulher: a de caráter racial”<sup>1</sup>.**

Ainda nesse artigo, destaca a dívida histórica que o feminismo tem com a luta dos direitos civis na América liderada por Martin Luther King, sabedora que, desse processo, as mulheres brancas norte-americanas foram grandemente beneficiadas. Para ela, as importantes contribuições do movimento dos direitos civis, nos Estados Unidos, impulsionaram a mobilização do movimento feminista norte-americano e do orgulho gay, dentre outros. Situação inversa a da sociedade brasileira, na qual a ascensão do movimento feminista motivou a criação de outros grupos de resistência, tais como

<sup>1</sup> GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: Revista ISIS Internacional, Santiago, n. 9, jun. 1988.

grupos de mulheres negras, grupos de mulheres negras lésbicas, grupos LGBT dentre outros<sup>2</sup>.

Nesse processo de deslocamento de uma concepção eurocêntrica do feminismo latino americano, Lélia delineia uma proposta de “outro”, o afrolatinoamericano, tomando como paradigma a figura histórica e heróica de Nanny, guerreira e mãe de seu povo na Jamaica, que constitui-se, como Zumbi, entre nós, num dos pilares da amefricanidade<sup>3</sup>.

À Nanny corresponderiam, na história brasileira, mulheres negras “esquecidas” por longo tempo por nossa historiografia como Dandara, Aqualtune, Maria Felipe, Luiza Mahin entre tantas que começam a adquirir visibilidade graças ao esforço, sobretudo, de ativistas, feministas e pesquisadoras.

O Projeto Memorial Zumbi, do qual Lélia fazia parte, realizou um ato solene na Serra da Barriga, Alagoas, em homenagem à Zumbi e a todas as guerreiras quilombolas que lutaram heroicamente contra a escravidão. Nesse evento, Abdias do Nascimento, liderança negra, beijou o chão de Palmares num gesto simbólico.

Lélia identificou nessas personagens históricas traços comuns que simbolizam as estratégias utilizadas pelas mulheres negras, no contexto colonial, em defesa de suas comunidades, de seus valores culturais e tradições. Em distintos momentos, ela destacou a figura da mãe preta como aquela que melhor representa a resistência negra contra a escravidão. Dessa perspectiva, Lélia cunhará a categoria de amefricanidade.

É nessa matriz histórica, segundo Lélia, que as amefricanas devem buscar inspiração para construir sua concepção feminista, pois há nela um patrimônio libertário que deveria ser recriado e atualizado constantemente pelas mulheres negras em suas lutas por emancipação e reconhecimento no presente.

<sup>2</sup> GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: Revista ISIS Internacional, Santiago, n. 9, jun. 1988.

<sup>3</sup> GONZALEZ, Lélia. Amefricanidade: Nanny. Humanidades, Brasília, ano 5, n. 17, p. 23-25, 1988.



O IPCN foi fundado em 08 de junho de 1975 por um dos grupos dissidentes que frequentavam o Teatro Opinião, em Copacabana/RJ, com a finalidade de estudar, pesquisar, denunciar e combater o racismo e todo e qualquer tipo de discriminação racial, representado em suas mais variadas formas.

pag. 38 e 39: Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981. Na foto Abdias do Nascimento faz um discurso em homenagem as/aos guerreiras/os palmarinas/os

| Acervo JG/Foto Januário Garcia

Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981 |

Acervo JG/Foto Januário Garcia



PEDIR AUTORIZAÇÃO PARA USO ??????? | Adhemar Veneziano/Editora Abril

'Lélia nos ajudou a entender melhor o racismo como uma ideologia de dominação social que fomenta políticas discriminatórias e racistas (Januário Garcia)' <sup>1</sup>.

O fim da ditadura militar, no final dos anos 1970, consolidou a possibilidade e esperança de redemocratização da sociedade. Com isso, os movimentos de resistência social ressurgiram com ideais de democracia e cidadania. Nessa efervescência, emergiram novos grupos de militantes negros, outros se estruturaram e, assim, várias entidades de combate ao racismo despontaram na sociedade brasileira.

No Rio de Janeiro, já ocorria o encontro permanente da massa de negros anônimos através do movimento "soul", que ficou conhecido como Black Rio, uma mistura de funk, samba e jazz.

O ator Tony Tornado, recém chegado de uma temporada nos Estados Unidos, se apresentou no V Festival Internacional da Canção, com o Trio Ternura, e trouxe toda uma estética da resistência negra norte-americana. Arrancou gritos da platéia presente, interpretando a canção BR03 e fazendo passos do cantor negro James Brown.

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Januário Garcia à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 28 de setembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

A jornalista Lena Frias (1944 - 2004), uma das maiores divulgadoras da cultura popular brasileira, na época, do Jornal do Brasil, escreveu diversas reportagens sobre esse fenômeno que trouxe, além da música, uma estética muito marcante: cabelo Black Power e roupas coloridas <sup>2</sup>. Na concepção de Lélia, esse movimento significava a comunidade negra jovem resistindo aos mecanismos de exclusão que o sistema lhe impunha. Para ela, a cultura devia ser pensada como um elemento de conscientização política.

Os fenômenos do Black Rio, do Black São Paulo e da Noite da Beleza Negra, em Salvador, para além de uma valorização estética, representaram um momento de conscientização política e valorização de uma identidade negra. O sentido de pertencimento étnico fortalecia um movimento negro que estava ressurgindo.

Nesse período, o regime militar controlava a vida política, social e cultural do país. No entanto, a censura imposta pelo Ato Institucional nº 5 não intimidou a organização de festivais, congressos e a criação de centros de pesquisas. Outros espaços estratégicos eram planejados para discutir os rumos do país.

No ano de 1974, Lélia participou das Semanas Afro-Brasileiras, entre os dias 30 de maio a 23 de junho, no Rio de Janeiro, promovida pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) e pela Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) de Salvador, com a colaboração do Museu de Arte Moderna.

<sup>2</sup> FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976. Caderno B. Disponível em: <<http://www.myspace.com/movimentoblackrio/blog/488819980>>. Acesso em: 16 jul. 2011.



Folder da 1ª Noite da Beleza Negra, Grupo Afro Agbara Dudu, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez



# 3

## A LUTA ANTIRACISTA DE LÉLIA GONZALEZ



Lélia Gonzalez na reunião da Diretoria do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, IPCN - 1986/7 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



O evento viabilizou o encontro de pessoas de diferentes partes do país, interessadas na articulação de um movimento negro nacional. O que estava em pauta era a conjuntura política, a situação da população negra e a necessidade de ação política organizada por parte dos negros e das negras.

A partir dessas reuniões, elaborou-se um material informativo e educativo sobre a questão racial no Brasil, a discriminação e a história da África. Formava-se ali o embrião de um movimento negro com expressão nacional.

Nessa ocasião, além de sua militância, Lélia iniciou o mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ, mas não chegou a concluir. Politicamente, ela participava da fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), do qual integrou a Assessoria Política.

## ***Muitas línguas em uma só... o pretuguês***

A questão cultural se fazia presente no discurso de Lélia Gonzalez, como fator de extrema importância para construção de uma consciência política. A cultura brasileira para ela era eminentemente negra e de raízes africanas e sua compreensão estava na leitura de autores africanos. Para ela, o Brasil falava o “pretuguês”, em função da forte influência de línguas africanas na nossa formação histórico-cultural.

Os membros do IPCN denunciavam como os meios de comunicação de massa se apropriavam, exploravam e deformavam a cultura negra. E tornavam pública a forma como a população negra era submetida à colonização racial e cultural, através das normas e valores europeus, bem como a política institucional de negação do racismo edificada pelo Estado brasileiro e apoiada no slogan da “democracia racial”.

Um dos posicionamentos expressivos de Lélia sobre esse tema foi a carta por ela enviada ao apresentador de TV Abelardo Barbosa, “Chacrinha”, a propósito de uma entrevista concedida por ele à Cidinha Campos, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, por ocasião do dia 21 de março – Dia Internacional contra a Discriminação Racial, instituído pela ONU. Lélia escreveu nessa carta:

Lélia Gonzalez e o compositor e intérprete Paulinho da Viola | Acervo Lélia Gonzalez  
Lélia Gonzalez, Cachoeira, Bahia, 1981  
| Acervo Lélia Gonzalez

# chacrinha:



Quanto ao Chacrinha, ele pôs os pingos nos “is” ou, se quiser, o preto no branco. Da maneira mais incisiva e decidida, afirmou a existência concreta da discriminação no Brasil, especificamente no campo de suas atividades profissionais. E declarou que nas emissoras de televisão onde trabalhou anteriormente (Globo e Tupi), programas de auditório como o seu sofriam uma série de restrições: proibía-se que as câmeras focalizassem diretamente o auditório, para que os negros não fossem mostrados. Proibidos os “closes” dos/as negros/as componentes desse público fiel que, na sua humilde espontaneidade, procura ver de perto os seus ídolos e lhes prestar suas homenagens. Os negros ou negras só poderiam ser focalizados de passagem ou de costas. E Chacrinha continuou denunciando o absurdo de tais restrições, uma vez que o Brasil é um país de negros; e, com suas metáforas incríveis, ele afirmava: “Eu sou negro, nós todos somos negros e até mesmo essas louras ou morenas que vemos por aí, também são negras”. Foram as declarações mais vigorosas e contundentes que ouvimos naquele 21 de março. Axé pra você, Velho Guerreiro, que, nas suas supostas loucuras tem apontado para muitas verdades que as autoridades governamentais, os políticos “progressistas” e os intelectuais idem, não têm a honestidade de assumir” 1.

Em 1975, um grupo de compositores, sambistas e pessoas ligadas ao samba, sob a liderança de Antônio Candeia Filho, fundava o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. A agremiação tinha como objetivo primeiro tornar-se um centro de resistência e resgate da cultura negra brasileira, procurando enfatizar a sua importância e contribuição na nossa formação, bem como discutir e reconstruir uma identidade cultural afro-brasileira capaz de garantir suas tradições e memória, enquanto legado dos primeiros africanos que foram trazidos para o Brasil 2.

Algo que deixou Lélia bastante orgulhosa foi a sua influência indireta sobre a escolha do enredo para o carnaval de 1979. Sentiu-se envaidecida porque seu nome estava ao lado de intelectuais como Arthur Ramos, Nina Rodrigues, Edson Carneiro e Alípio Goulart. Além disso, ela exaltava o samba e estava sempre presente nas quadras e nas rodas de partido-alto, com grandes compositores e intérpretes, como Paulinho da Viola, Clementina de Jesus e outros.

- 1 GONZALEZ, Lélia. Carta a chacrinha. 4Shared. Disponível em: <[http://www.4shared.com/get/MOaiZkOO/Carta\\_a\\_Chacrinha.html](http://www.4shared.com/get/MOaiZkOO/Carta_a_Chacrinha.html)>. Acesso em: 10 maio 2011.
- 2 SILVA, Francisco Ernesto da. Candeia e a Escola de Samba Quilombo: a crítica ao processo de branqueamento das manifestações culturais afrobrasileiras. Guarulhos: Universidade Guarulhos, 2008.

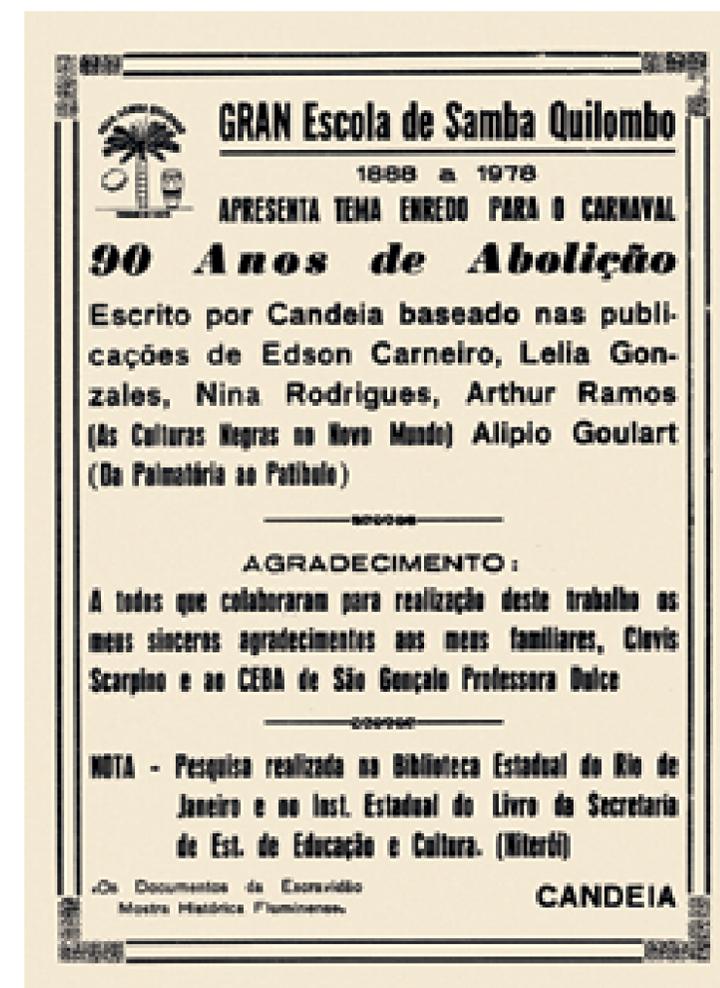
Candeia, então presidente do Grêmio, baseado no que havia lido e ouvido de Lélia e de outros teóricos das relações raciais, escolheu o tema Noventa anos de Abolição para o enredo daquele ano. Nesse momento, ela percebeu a responsabilidade de seu trabalho junto à comunidade negra. O episódio abaixo descrito ilustra bem a ressonância que a atuação de Lélia provocava.

Não dá para esquecer aquela tarde ensolarada em que a gente se mandou pra Coelho Neto, pra levar um papo com Candeia sobre a participação do Quilombo no Ato Público. Papo vai, papo vem, ele nos presenteou com o folheto do enredo para o próximo carnaval: Noventa Anos de Abolição, escrito por Candeia. Digo que fiquei emocionada e lisonjeada de ter meu nome ao lado daqueles ‘cobras’; afinal, só escrevi um artiguinho aqui, outro acolá, fiz algumas conferências, provoqueei algumas reflexões, mas isso não significava tanto. Ele retrucou, dizendo que sabia muito bem do trabalho que eu vinha realizando ‘por aí’ e que isso era tão importante quanto os livros dos ‘cobras’.

Candeia faleceu em 16 de novembro de 1978. No entanto, Lélia assumiu a responsabilidade de discutir com os membros da Ala dos Compositores o enredo que ele escrevera. Nei Lopes e Wilson Moreira tiveram o seu samba-enredo escolhido como o melhor, dentre outros muito bons. E num trecho do samba eles homenageiam o saudoso Candeia: “E os quilombolas de hoje em dia /São Candeia que nos alumia”3.

A Frente Negra Brasileira foi fundada em 16 de setembro de 1931, tornou-se partido político em 1936 e durou até 1937. Foi a mais importante entidade de afrodescendentes na primeira metade do século, no campo social, político e educacional.

3 \_\_\_\_O movimento negro na última década. In: \_\_\_\_\_. Lugar de Negro. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.



Crachá da Rio Tur utilizado por Lélia Gonzalez no carnaval de 1986 | Acervo Lélia Gonzalez

pag. 47 e 48: Folder do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo – GRANES Quilombo – no Carnaval do Rio de Janeiro, 1978. As publicações de Lélia Gonzalez e de outros intelectuais inspiraram a escolha do enredo “90 Anos de Abolição” | Acervo Lélia Gonzalez

O NAVIO NEGREIRO

A MAIS DRAMÁTICA DESCRIÇÃO DE ESCRAVOS NO BRASIL É DADA POR CASTRO ALVES, EM SEU POEMA NAVIO NEGREIROS, ETS ALGUNS TRECHOS:

"De um canto distante... o tamborão  
Que das bocornas avante o brálio,  
em fúria e em bômbas,  
Tua de fôrça... e o ar de águas,  
Legadas de homens negros como a noite,  
Rendidos a dançar..."

"E se a impetosa brálio, estalando...  
E da roda fardalica a serpente,  
Faz d'outras águas...  
Se o velho anjo, se no chão remado  
Ouvimos os gritos... o choro estalado  
E os seus olhos e suas..."

"Press nos olhos de uma no cadela,  
A multidão embaleada,  
E chora e dança ali!  
Um de tanta dor, outro embosque,  
Outro, que de martírio, embusca,  
Cantando pena e rei"

"No momento o capítulo mundo e mureta,  
E após fôlido o céu que se azulaba,  
Tão puro sobre o mar,  
De do fôrça entre os dentes negros:  
"Vôdo tipo o choro, marinhôto!  
Fazem os seus dançar..."

"E se a impetosa brálio, estalando...  
E da roda fardalica a serpente,  
Faz d'outras águas...  
Qual um homem dançando as sombras suas!  
Grilos, ali, maléfico, pouco reconso!  
E o seu somido!"

"Aqui surge penúltimo da história terra,  
Que a brálio do Brasil beija a brálio,  
L'atandore que a luz do sol encorre  
E as promessas divinas da esperança...  
Te que, de liberdade após a guerra,  
Fôre bastardo dos fôrças na brálio,  
Aqui se brálio em não na brálio,  
Que se brálio a um passo de mureta!"

"Fôlido a brálio que a morte amaldiçoada  
E o fôrça não fôrça o fôrça amaldiçoado  
O fôrça que Colombo abra os fôrças  
Como um fôrça pélogo profano!  
Mas é fôrça de mureta... De estrova pélogo  
L'atandore, fôrça do Novo Mundo!  
A fôrça fôrça e se fôrça de mureta!  
Colombo fôrça a porta dos fôrça mureta!"

pag. 49 a 51: Reportagem da jornalista Lena Frias. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil, 1976 | Almir Veiga/CPDOC JB



O ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL

LENA FRIAS

BLACK RIO

Uma Foto: 11. Foto de Lena Frias

Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.



Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.

Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.

Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.

Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.

Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.

Uma foto de Lena Frias, jornalista do Rio de Janeiro, mostra um grupo de jovens negros em uma rua da cidade. Eles estão vestidos com roupas de rua e alguns estão usando bonés. A foto é em preto e branco e mostra uma perspectiva de uma rua com uma parede de grafite no lado direito.

A publicação  
de 1976  
de 1976  
de 1976



Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil. Eles acreditam que a única maneira de melhorar a situação é através da luta coletiva e da organização política.

Os membros do grupo são jovens negros de São Paulo, que se autodenomina 'Black Power'. Eles se reuniram para discutir as condições de vida dos negros no Brasil. O grupo acredita que a única maneira de melhorar a situação é através da luta coletiva e da organização política. Eles discutem a importância da educação e da cultura negra, bem como a necessidade de uma consciência coletiva entre os negros.



Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Os membros do grupo são jovens negros de São Paulo, que se autodenomina 'Black Power'. Eles se reuniram para discutir as condições de vida dos negros no Brasil. O grupo acredita que a única maneira de melhorar a situação é através da luta coletiva e da organização política.

Os membros do grupo são jovens negros de São Paulo, que se autodenomina 'Black Power'. Eles se reuniram para discutir as condições de vida dos negros no Brasil. O grupo acredita que a única maneira de melhorar a situação é através da luta coletiva e da organização política.

Os membros do grupo são jovens negros de São Paulo, que se autodenomina 'Black Power'. Eles se reuniram para discutir as condições de vida dos negros no Brasil. O grupo acredita que a única maneira de melhorar a situação é através da luta coletiva e da organização política.

**'O PESSOAL NÃO BATE, NÃO QUEIMA NUNCA, O NEGRO É DANÇAR'**

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil. Eles acreditam que a única maneira de melhorar a situação é através da luta coletiva e da organização política.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

**ROBERTO, ESTATUETA, ESTÁ CIRIANDO 'O AN ANONIMOS'**

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

De cima para baixo: Roberto, Estatueta, Ciriando, Anonimos. Todos são parte do núcleo do movimento Black Power.



Os alunos em diversas escolas secundárias pedem reunião em 11 de setembro de 1968.

Um grupo de estudantes em uma reunião em 11 de setembro de 1968.



Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

Um grupo de jovens negros, que se autodenomina 'Black Power', está se formando em São Paulo. O grupo é formado por três amigos, três inscos de 'Sobri', que se uniram para lutar contra a discriminação racial. O grupo se reúne regularmente e discute as condições de vida dos negros no Brasil.

## Noventa anos de abolição

(Nei Lopes e Wilson Moreira)

Hoje a festa é nossa  
Não temos muito para oferecer  
Mas os atabaques vão dobrando  
Com toda a alegria de viver.  
Festa no Quilombo Noventa anos de abolição  
Todo mundo unido pelo amor  
Não importa a cor  
Vale o coração.  
Nossa festa hoje é homenagem  
À luta contra as injustiças raciais  
Que vem de séculos passados  
E chega até os dias atuais.  
Reverenciamos a memória  
Desses bravos que fizeram nossa história:  
Zumbi, Licutan e Alumá  
Zundu, Luís Sanin e Dandaró.  
E os quilombolas de hoje em dia  
'São Candeia' que nos alumia  
E hoje nesta festa  
Noventa anos de Abolição  
Quilombo vem mostrar que a igualdade  
O negro vai moldar com a própria mão  
E em luta pelo seu lugar ao sol  
Não é só bom de samba e futebol.

Lélia Gonzalez pela primeira vez na África, Dakar, Senegal, 1979

| Acervo Lélia Gonzalez



Luiza Bairros, Socióloga, feminista negra e atual Ministra Chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR – nomeada em 2011 | *Acervo REDEH ??? tem certeza ???*

Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), Sergipana, historiadora e militante negra. Foi co-fundadora, em 1975, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN – Rio de Janeiro. Estudiosa da temática dos quilombos, na década de 1980, publicou diversos artigos em periódicos e jornais de grande circulação do país | *Fotografia Elisa Larkin Nascimento/ Acervo Lélia Gonzalez*

Sueli Carneiro, Filósofa, feminista negra e Co-fundadora do Coletivo Mulheres Negras de São Paulo, 1982 e do Geledés – Instituto da Mulher Negra, 1988 | *Fotografia de Rauf Tauile/ Acervo REDEH*

Thereza Santos, Liderou a fundação do Coletivo de Mulheres Negras, em 1982, e foi a primeira negra a integrar a equipe do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo | *Coleção Particular*



## Fazendo arte

Esse ano de 1978 foi um “divisor de águas” na trajetória de Lélia. Nessa ocasião, os contatos entre Rio de Janeiro e São Paulo, em termos de articulação do movimento negro, se fortalecem. As atividades desenvolvidas pelo IPCN serviam como canal para essa movimentação política e de conexão e interlocução entre as diferentes iniciativas que estavam surgindo.

A questão fundamental da discussão girava em torno da criação de um movimento negro de caráter nacional. E foi assim que começaram a ser lançadas, realmente, as bases do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, o MNUCDR. Junto com Abdias do Nascimento, Luiza Bairros, Maria Beatriz Nascimento, Thereza Santos, Nilza Iraci e outras lideranças estávamos engajados nessas discussões para criar estratégias de combate ao racismo. A criação do MNUCDR, que iria acontecer em 7 de julho de 1978, como veremos adiante, era uma delas.

## Cultura negra na escola de artes visuais

Lélia, no bojo desse cenário de mobilização política, foi muito coerente em valer-se da sua função de professora de antropologia na Escola de Artes Visuais (EAV) no Parque Laje, para iniciar, institucionalmente, via Estado, no Rio de Janeiro, o primeiro curso de Cultura Negra no Brasil (1976 a 1978).

Para ela, esse curso objetivava reinterpretar a história do Brasil sob a ótica do negro, uma vez que a história oficial havia infantilizado e subalternizado sua presença na nossa sociedade. Com isso, a participação dos/as africanos/as escravizados/as na construção do nosso patrimônio seria visibilizada, assim como suas estratégias de resistência ao sistema: levantes, irmandades, insurreições, religiosidade, dentre outras que não estavam introduzidas nos materiais didáticos <sup>1</sup>.

Esse processo de infantilização do negro seria objeto de um dos bordões criados por ela. Lélia foi contemplada na série Heróis de todo Mundo<sup>2</sup>, um projeto da Cor da Cultura (2010), realizado pelo Canal Futura, Petrobras, Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), TV Globo e Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

Tive a honra de ser convidada para ser a intérprete de Lélia Gonzalez. No vídeo que a homenageava repeti uma de suas frases que representava de maneira sintética o desrespeito no tratamento dado a pessoas negras que vai da infantilização, passa por vezes pela animalização ou coisificação sempre resultando na redução da individualidade dos negros ou em sua desumanização. Disse Lélia: “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido ao gosto deles” <sup>3</sup>.

Com essa formulação sintética, Lélia denunciava esse processo em que pessoas do grupo racialmente dominante se referem ou se dirigem a pessoas negras, utilizando expressões já corriqueiras em nosso cotidiano como: neguinho, pivete, moleque, crioulo, negão, negona.

Com essas preocupações, o curso sobre Cultura Negra no Brasil visava desenvolver um trabalho de revisão crítica sobre o lugar, o protagonismo e a importância do negro na africanização da cultura brasileira. Para tanto, Lélia atribuiu à Mãe Preta a responsabilidade de introduzir valores e códigos dos povos africanos <sup>4</sup>.

Conscientemente ou não, Lélia, oralmente, passava para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. “Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em ‘pretuguês’) e, conseqüentemente, a cultura brasileira” <sup>5</sup>.



Reunindo artistas, como Zezé Motta, e intelectuais engajados a Escola de Artes Visuais tornou-se um dos maiores espaços político cultural da Cidade Maravilhosa, na década de 1970

| Leonardo Aversa/Agência O Globo

## Descendo do pedestal teórico

Aprofundando ideias sobre a cultura brasileira, Lélia permaneceu na Escola de Artes Visuais (EAV) reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava uma visão crítica da realidade brasileira. A EAV tomou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro, naquele período.

A atriz Zezé Motta foi aluna de Lélia no curso sobre Cultura Negra no Brasil e, a partir de então, desmistificou muitas questões. De acordo com a atriz:

*Eu não sabia nada sobre Candomblé, tinha medo até de passar na entrada de um terreiro. Quando saí pelo mundo para divulgar Xica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia Gonzalez e dele fazia parte assistir a um ritual de Candomblé. Já havia uma suspeita de que eu era filha de Oxum. No dia em que fomos assistir ao ritual, era justamente uma festa para Oxum. Adorei, achei lindo e descobri que era mesmo filha dela. De lá para cá eu, sempre que vou à Bahia, vou ao terreiro de Mãe Estela, o Ilê, Axé Opô Afonjá. Todo final de ano, faço um descarrego e de vez em quando jogo búzios. Toda vez que entro em cena, peço licença à Oxum para viver uma filha de lemanjá e peço a Deus que meu trabalho resulte em algo bom. Durante muito tempo, e ainda acontece, as pessoas acharam que Candomblé e Umbanda eram religião de gente ignorante. Espero sinceramente que a Mãe Ricardina possa ajudar a quebrar esse preconceito <sup>1</sup>.*

<sup>1</sup> Entrevista de Zezé Motta para a Revista Raça Brasil, 2001.

<sup>1</sup> GONZALEZ, Lélia. A presença negra na cultura brasileira. *Jornal Mensal de Artes*, Rio de Janeiro, n. 37, mar. 1977.

<sup>2</sup> <http://www.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>. Acesso em: 02 set. 2012

<sup>3</sup> Schuma Schumacher em dezembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

<sup>4</sup> GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 383-386, 2. sem. 1994.

<sup>5</sup> ENTRE VISTAS. *Revista do CAEL*, Rio de Janeiro, n. 0, ano 1, p. 7-20, ago. 1983.

Para Lélia, a formação cultural brasileira não poderia deixar de considerar o tripé que lhe deu origem, e que, portanto, era o seu suporte: a cultura africana, indígena e européia. Entretanto, afirmava que: “enfrentamos o problema de as manifestações dos negros e dos indígenas serem classificadas como ‘folclore’ e colocadas em museus de curiosidade, de coisas exóticas”<sup>1</sup>.

Lélia pôde trabalhar com aquilo que ela considerava como cultura, ou seja: “o conjunto de manifestações simbólicas através das quais os sujeitos sociais expressam suas relações com a natureza e entre si”<sup>2</sup>. Assim, constava de seu programa de curso de Cultura Negra no Brasil:

- 1 O problema da unicidade de uma cultura negra.
- 2 A religião enquanto simbolismo cultural dominante (candomblé, umbanda).
- 3 O negro na literatura.
- 4 Expressividade negra e artes plásticas.
- 5 Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor.
- 6 Contrastes e confrontos.

O objetivo era analisar as instituições e os valores culturais negros, assim como sua presença na formação cultural brasileira. Esse curso fez Lélia perceber que a sua militância não poderia ficar restrita a uma sala de aula. E também, que a sua linguagem acadêmica mais a afastava do público do seu curso (trabalhadores, professores de uma turma noturna) do que a aproximava, conforme disseram seus alunos. Era necessário que “descesse do pedestal teórico” para se fazer compreender pelas massas. Provavelmente, é a partir dessa experiência que decorre a sua opção por radicalizar uma forma de expressão que se tornou a sua marca registrada: rejeitar todo tipo de academicismo ou pedantismo intelectual para se comunicar.

Ao contrário, sua escolha centrou-se em uma forma de expressão que, sem perder densidade teórica e analítica, pudesse aproximá-la das populações negras de diferentes extrações sociais e níveis de escolaridade. Essa atitude lhe permitiu um trânsito raro entre as elites intelectuais e as massas populares que ela encantou igualmente com seu carisma natural e retórica original, que agregava tanto os elementos de uma reflexão profunda, quanto uma linguagem recheada de elementos populares, que tornava o seu pensamento acessível a todos.

Essa mediação de Lélia traduz a razão pela qual influenciou movimentos sociais e jovens intelectuais empenhados na produção de saberes que não ficassem restritos e confinados às bibliotecas.

Durante três anos seguidos (1976-1978), no mês de novembro, Lélia e a sua equipe realizavam um evento cultural na EVA, voltado para a visibilidade da produção cultural do/a negro/a, reunindo as mais diversas expressões do mundo das artes plásticas, grupos de dança e de poesia, exibição de filmes, seminários, lançamentos de livros, espetáculos de música, etc.

<sup>1</sup> ENTREVISTAS. Revista do CAEL, Rio de Janeiro, n. 0, ano 1, p. 7-20, ago. 1983.

<sup>2</sup> GONZALEZ, Lélia. Prefácio. In: MACIEL, Clóvis. et al. Cadernos Negros Poesia 5. São Paulo: Grupo Quilombo hoje, São Paulo, 1982. p. 3-6

escola de artes visuais

# CULTURA NEGRA



prof Lélia Gonzalez  
4/11 fac 18.30



acima e pag. 61: Ação do Movimento Negro Unificado (MNU). Zumbi está vivo – Ato público na Cinelândia, Rio de Janeiro, 1983 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

pag. 59: Marcha Contra a Farsa da Abolição. Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

# 4 MNU – MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO



Com a fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação e o Racismo (MNUCDR), em 1978, no ano seguinte rebatizado de Movimento Negro Unificado (MNU), primeira organização negra a alcançar abrangência nacional, depois da Frente Negra Brasileira, o Brasil conhece Lélia Gonzalez.

Segundo ela: *“eu gostaria de colocar aqui que eu pertencço ao Movimento Negro Unificado, que estamos aí numa batalha violenta no sentido de conquista de um espaço para o negro na realidade brasileira”*<sup>1</sup>. Na sua avaliação, o dia 07 de julho de 1978 representava:

*Um marco histórico muito importante para nós, na medida em que se constituiu em ponto de convergência para a manifestação, em praça pública, de todo um clima de contestação às práticas racistas, assim como da determinação de levar adiante a Organização política dos negros. Ora, esse clima e essa determinação já haviam pintado em diferentes pontos do país, como já dissemos. Faltava esse 7 de Julho, garantia simbólica de um movimento negro de caráter nacional”*.

<sup>1</sup> O movimento negro na última década. In: \_\_\_\_; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.



Sobre o evento de fundação do MNU, detalhava Lélia:

*(...) E estávamos todos lá, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Muita atividade (distribuição da carta aberta à população, colocação de cartazes, faixas etc.), muita alegria, muita emoção. As moções de apoio chegavam e eram lidas com voz forte e segura. A multidão aplaudia. Como aplaudia os discursos que se sucediam. Graças às mensagens de solidariedade de grupos, organizações, entidades negras e brancas, de São Paulo e do Brasil; graças as falações que iam fundo em suas denúncias; graças àquela multidão ali presente (cerca de duas mil pessoas), negra na maioria (mas muitos brancos também); graças a todo um espírito de luta plurissecular de um povo, a emoção tomava conta da gente, causando uma espécie de vertigem. E um sentimento fundo tomou conta de cada um, quando ouvimos a leitura, a duas mil vozes, da Carta Aberta à População”*<sup>2</sup>.

Para Lélia, o evento foi memorável e histórico. A fundação do MNU, porém, não agradava a gregos e troianos indiscriminadamente. E Lélia percebia que, além dos conservadores, havia por parte das esquerdas em geral, uma tentativa de reduzir a questão do negro a uma questão meramente econômico-social, ou seja, a uma questão de classe.

*Na medida em que se liquida o problema de classes, na medida em que entramos numa sociedade socialista, o problema da discriminação racial é resolvido. A meu ver esse problema é muito mais antigo que o próprio sistema capitalista e está de tal maneira arraigado na cuca das pessoas, que não é uma mudança de um sistema para outro que vai determinar o desaparecimento da discriminação racial. [...] E todas as tentativas que esse povo efetuou no sentido de denúncia e de conquista dos seus direitos, enquanto cidadãos brasileiros, foram, de um modo geral, recebidos com indiferença ou então rechaçados como racistas às avessas, quer dizer, a gente passa por um processo de racismo violentíssimo, e quando a gente denuncia isso, somos chamados de racistas às avessas. As chamadas correntes progressistas brasileiras, elas minimizam da forma mais incrível as nossas reivindicações”*<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. In: \_\_\_\_\_. Lugar de Negro. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

<sup>3</sup> GONZALEZ, Lélia. Entrevista. In: PEREIRA, Carlos Alberto M, HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Patrulhas Ideológicas. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 202-212.



Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro, novembro de 1977 | Alberto Jacob/Agência O Globo

#### Na avaliação de Lélia:

As atividades do MNU no seu primeiro ano de existência ocorreram em diferentes níveis. Desde a denúncia dos casos de violência policial – que nos levou a defender a tese, junto ao Comitê Brasileiro pela Anistia, em seus dois congressos de 1978 e 1979, de que o negro brasileiro também é prisioneiro político, na medida em que é colocado sob suspeita e preso pelo simples fato de ser negro –, passando pelas manifestações em praça pública; o enterro simbólico da Lei Afonso Arinos, em São Paulo; realização de atos públicos e passeatas, por ocasião do 20 de Novembro, em diferentes capitais do país etc., ao trabalho de conscientização junto à comunidade negra. Seu trabalho de denúncia do racismo e da violência policial acabou por sensibilizar determinados setores da sociedade, tanto num sentido positivo quanto negativo”.

Ressalta ela que: “o advento do MNU consistiu no mais importante salto qualitativo nas lutas da comunidade seu Programa de Ação e em sua Carta de Princípios, inspiraram a criação de diversas entidades e grupos negros em vários pontos do país”<sup>4</sup>.

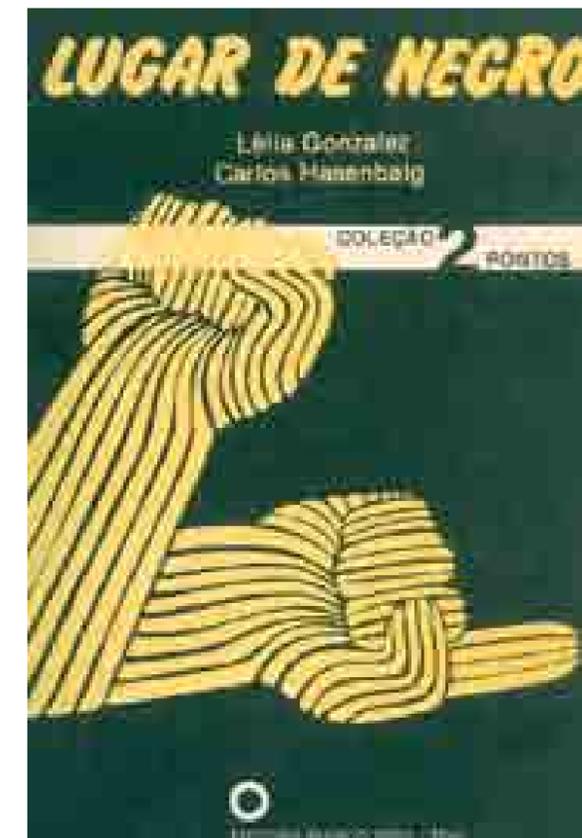
Motivada por todo esse momento de crescimento e avanço da luta racial, Lélia circulava pelos espaços de diferentes universidades e faculdades do Rio de Janeiro e fora do estado também, realizando palestras e conferências, espaços de poder simbólico-intelectual que sempre foram muito bem ocupados por Lélia de Almeida Gonzalez.

A historiadora Raquel Barreto, em sua dissertação de mestrado, destacou um fato curioso. No período em que o movimento negro se institucionalizava, as autoridades brasileiras se preocupavam com o alcance dessa mobilização. Os conflitos raciais que ocorriam nos Estados Unidos assombravam as forças oficiais do Brasil. Talvez, por isso, o nome de Lélia, e de outras lideranças, tenha sido incluído nos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em atividades antirracistas e não específicas contra a ditadura militar<sup>5</sup>.

4 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: \_\_\_\_; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

5 BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. 2005. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.





Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg. Lugar de Negro, 1982  
| Acervo Lélia Gonzalez

### *Lugar de Negro*

A intensa dedicação de Lélia Gonzalez à questão racial encontrará ainda outra forma de expressão no registro que ela nos deixou sobre o movimento negro contemporâneo. Em 1982, Lélia publica o livro *Lugar de Negro*, em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. Ambos faziam parte de uma intelectualidade que buscava outras perspectivas de análise para os estudos sobre o negro na sociedade brasileira. Por isso mesmo, a publicação tornou-se uma obra de referência, situando-se num momento de revisão crítica da historiografia sobre o tema.

*Lugar de Negro* é uma obra dividida em três capítulos. O primeiro, de autoria de Lélia Gonzalez, discute o movimento negro na última década, registrando a trajetória da resistência negra em seu combate ao racismo e suas repercussões negativas sobre as condições de vida da população negra. De certa forma, nesse livro, Lélia Gonzalez faz uma espécie de balanço crítico de um processo do qual ela foi uma das principais protagonistas e sinaliza os desafios persistentes para o fortalecimento da organização política dos negros brasileiros para alavancar a efetiva igualdade de direitos e oportunidades na sociedade.

# 5

## INTERNACIONALISMO: DO BRASIL PARA O MUNDO...



Ela era muito querida na Europa e na África, sempre quando voltava de uma viagem me mostrava fotos e as matérias jornalísticas que saíam sobre ela no local onde tinha ido fazer uma palestra, participar de seminários, etc... (Luiz Fernandes Dias)”.

### Women, Blacks Assume New Role In Brazil's Politics

RIO DE JANEIRO—Like Communist countries that for decades this year for the Brazilian political system, organized and sustained from the male side of her classed members, might be considered generic.

The Communist 20-year-old leadership are there, upon that the very fact that she is a woman holds the program in Brazil is a most revolutionary achievement. In a country where military-ruled government is dominated by white males, Goulart is turning out only as a competitor from that fact that as a Black and a woman support from Democratic class members.

"A further fact here is," she said recently, "A few years ago, no one would have believed that a woman like me could exist."

With the freedom and civil rights Brazilian elections in 19 years of authoritarian rule which led the President Goulart's campaign is only one indication of how Brazil's long dictatorship practices, including women Blacks, Indians and homosexuals, are beginning to take an active role in politics for the first time in the country's history.

Although activists in these social movements, for their influence will help to break that of white groups in the United States and Western Europe, not all of the year's candidates and groups had such an attitude in Goulart. Most political fronts have formed for both female and Black candidates in the congressional and state provincial elections, and several major political parties have adopted female and Black names in their platforms. According to 1968 census statistics, 42 percent of the Brazilian population is Black, Indian or mixed race.

The government of President Jose Figueres, that is facing a stiff challenge from the opposition, has made a major step towards the political process of the new groups.

Governments officials added a provision to the list of political parties last year requiring each party to have a woman's candidate, and from women and Blacks have appeared in the ranks of the government's Social Democratic Party.

As the campaign heated up this month, Figueres also named Brazil's first woman Cabinet member, an education specialist who quickly announced that she was a woman.

Among the most dramatic developments in the emergence of Black rights groups is a society that 17 years ago prided itself as being a "racial democracy" when discrimination against Blacks nearly did not exist.

"There is now discrimination against Blacks in Brazil that there is against Blacks in the United States," said Carlos Alberto Wilson, a Black journalist and founder of the Black-White Exchange Center. "Ten 15 years ago no one would regard that as a problem."

Now, Black activists are joined by women, students and members of previously those who doubt changes of racialized status.

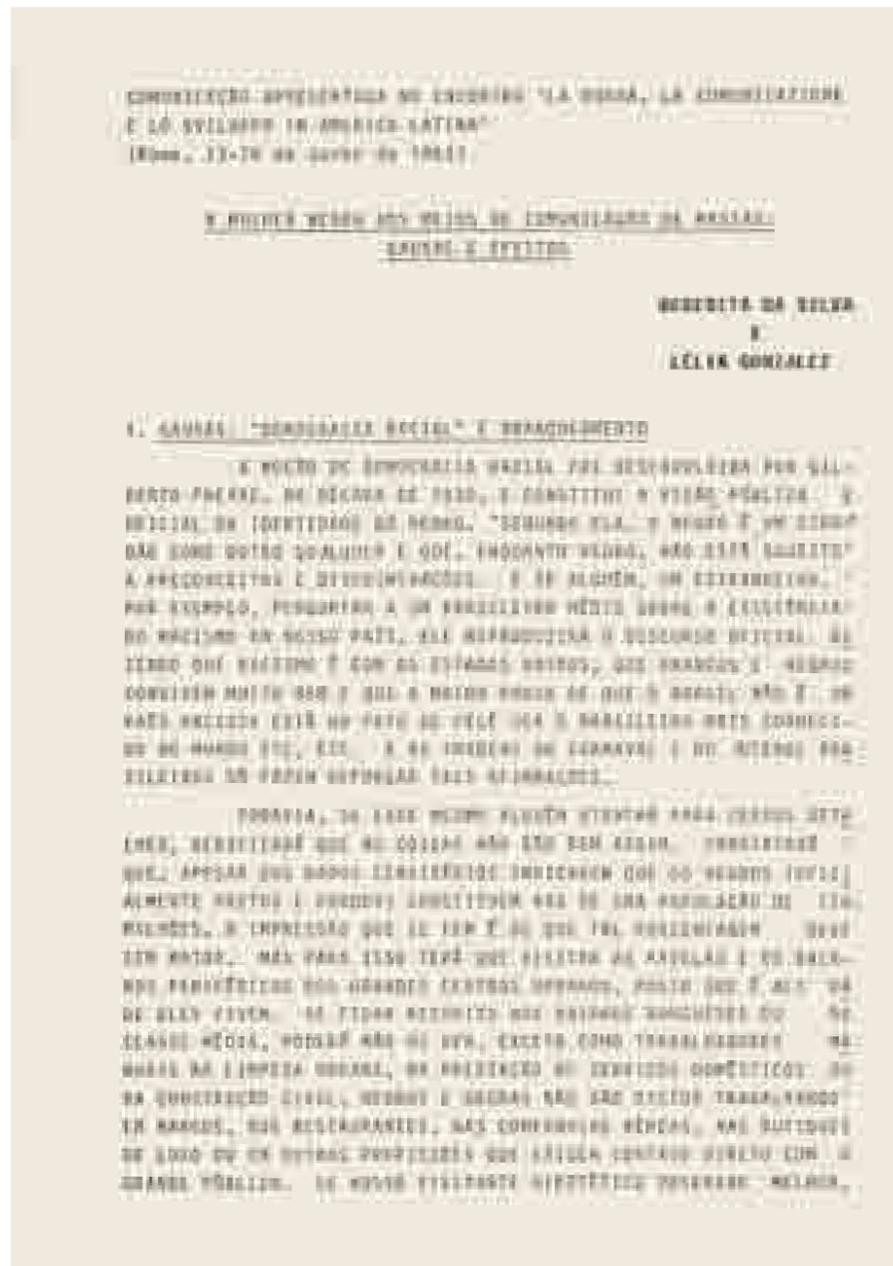
The growth of the social movements is directly linked by their leaders to the political expansion of political programs under the Brazilian system.

It is only this year that Black and female candidates have actively worked to move into the political parties and support their own platforms and candidates.

The economic law was with substantial provisions within Brazil's industrial political party. WITH this approach party members, women in the de Goulart's cabinet group this year, for example, were women leading "Don't believe in me," she asked for each party leader to read, "Don't believe in me."

Black Black and women's leaders have now found resonance from some conservative Black and women's leaders and from many Brazilian officials, who claim that their party should not be separated from the large mass of women's among Brazil's rich and poor classes.

—Jacobson Dreyfus



Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. 'A mulher negra nos meios de comunicação de massas'. Comunicação apresentada no encontro La Donna, la comunicazione e lo sviluppo in America Latina, Roma, Itália, 1983 | Acervo Lélia Gonzalez

A repercussão de seu protagonismo, no plano nacional, a tornara presença obrigatória nos espaços de debate e formulação de políticas voltadas para a promoção da igualdade de gênero também em nível internacional. Lélia, a essa altura, já era uma voz respeitada pela militância dos movimentos negro e feminista, ecoando pelos quatro cantos do mundo.

Em maio de 1979, Lélia iniciava as primeiras incursões fora do Brasil para denunciar o racismo brasileiro, a opressão da mulher negra de modo particular, bem como a sua concepção de feminismo decorrente do reconhecimento dessas problemáticas. Nesse período, ela começou uma intensa articulação com lideranças negras internacionais, dentre elas: Carlos Moore, Angela Davies, Dorothy Heigts, Aimé Césaire.

Reportagem sobre Lélia Gonzalez publicada em jornal estrangeiro | Acervo Lélia Gonzalez  
Lélia Gonzalez. 'La femme noire et l'inconscient culturel bresilien'. Comunicação apresentada no Seminário Um Autre Developpement avec Les Femmes, Dakar, Senegal, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

Seu primeiro encontro com o cubano Carlos Moore foi no Senegal, África, através de amigos comuns. Nessa ocasião, Moore estava no exílio, desde o ano de 1963, na companhia de sua esposa Shawna e Kimathi, filho do casal. Quando conheceram Lélia, tornaram-se grandes parceiros e a acolheram em sua residência. Ambos tinham discussões calorosas sobre o marxismo, Lacan, mas, segundo Moore, a questão racial, para Lélia, era predominante.

A partir de então, Lélia marcou presença em diversos encontros, seminários, congressos, seja como convidada especial e/ou palestrante:

**# Racism and its effects in Brazilian society. Women's Conference on Human Rights and Mission**, Veneza (Italia) e Genebra (Suíça), 1979. (Racismo e seus efeitos na sociedade brasileira. Conferência de Mulheres sobre Direitos Humanos e Missão)

**# Vice-Presidente do I Seminário "Woman under Apartheid"**, promovido pela Ligue des Femmes du Quebec e pela ONU, Montreal/Canadá, 1980. (Seminário: A Mulher sob o regime do Apartheid)

Relatora na Conferência Alternativa da Meia Década da Mulher, promovida pelas ONGs, Copenhagem, 1980.

**# Participação no Seminário Un autre developpement avec Les Femmes**, promovido pela Association des Femmes Africaines pour La Recherche et le Développement, Dakar/Senegal, 1982. (Seminário: Um outro modelo de desenvolvimento com as Mulheres)

**# Convidada Especial para o Symposium in Support of the Struggle of the Namibian People for Self-Determination and Independence**, promovido pelo United Council for Namibia (ONU), San José/Costa Rica, 1983. (Simpósio em Apoio à Luta do Povo da Namíbia por sua Autodeterminação e Independência)



Lélia Gonzalez e o amigo cubano Carlos Moore. Dakar, Senegal, 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. 'Cultura, etnicidade e trabalho'. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, Estados Unidos, abril de 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. 'Brazilian support to the Namibian Cause'. Comunicação apresentada no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America, San José, 1983 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez e a amiga Shawna. Dakar, Senegal, 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Carlos Moore, seu filho Kima e Lélia Gonzalez. Dakar, Senegal, 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*





Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. Dakar, Senegal, 1986 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America. San José, 1983

| *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez, com os amigos Ronaldo, Martinho da Vila e Sérgio, em sua temporada de pesquisa nos EUA, Washington, 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Em nível nacional, reconhecimentos oficiais reforçam a importância de Lélia na luta antirracista e antissexista. Não foi à toa que no dia 1 de fevereiro de 1982, coincidentemente data de seu aniversário, recebeu um diploma do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil por ser uma das “Dez Mulheres do Ano de 1981”, que muito trabalharam pela integração da mulher no processo de desenvolvimento sócio-político-econômico do país.

No ano seguinte, fundou em parceria com Pedrina de Deus, Jurema Batista, Elizabeth Viana, Ana Garcia, Rosália Lemos, dentre outras, o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, na Associação do Morro dos Cabritos, em Copacabana, RJ, onde permaneceu até 1985. A escolha do nome é uma homenagem à africana Nzinga, guerreira e estrategista na luta contra o colonizador.

Com uma bolsa concedida pela Fundação Ford – para execução do projeto “Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo”, em co-autoria com Tereza Cristina Araújo Costa – viajou para os Estados Unidos, em 1984.

Na cidade de Baltimore, já no Seminário organizado pelo African-American Women’s Political Caucus, Lélia dialogou e se articulou com lideranças femininas do movimento negro norte-americano como Angela Davis, Annie Chambers, Queen Mother Moore e Miss Helena B. Moore.



mandela



Nelson Mandela, líder sul africano na luta contra o apartheid | Corbis



Lélia Gonzalez e Angela Davies, uma das maiores ativistas negras dos EUA - Seminário 1985 & Beyond. Baltimore, Estados Unidos, 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Estas duas últimas, segundo ela, verdadeiros arquivos vivos da história do Movimento Negro Americano. Recebeu delas o maior estímulo em face do trabalho no Brasil. Em seu relatório<sup>1</sup> de pesquisa após a viagem, entregue à Fundação Ford, Lélia expressou todo o seu encantamento com essa viagem e com a popularidade de Angela Davis.

[...] Constatei que a popularidade de Angela Davis entre aquelas mulheres de classe média afro-americana é enorme, apesar de sua conhecida militância comunista. Mas, ao ouvi-la falar, compreendi talvez, que essa questão se torna absolutamente secundária: a força e a competência de sua articulação segura, aliadas ao brilhantismo com que expõe suas idéias transfiguram-na de tal maneira que a platéia fica como que eletrizada, suspensa no fio de suas palavras. E todo aquele arrebatamento que observei e também vivenciei remete-nos a algo que nos é muito caro: a força da dignidade da mulher negra. E aquela mulher franzina, que se agiganta no momento em que fala, passava isso para todas nós; esse orgulho de nós mesmas, essa perseverança na resistência, essa autoconfiança em termos do nosso papel. Naquela manhã de 10 de agosto, sentiamo-nos felizes e fortes por sermos mulheres negras... (Lélia Gonzalez)<sup>2</sup>

1 GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo. [S.L.: s.n.], 1984. Relatório. Acervo Lélia Gonzalez.

2 GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo. [S.L.: s.n.], 1984. Relatório. Acervo Lélia Gonzalez.



Lélia dominava o francês, inglês e espanhol. Com essa proficiência, dialogava com estudiosos e ativistas internacionais. Quando não tinha a oportunidade de interagir, pessoalmente, ela o fazia por correspondência. Assim foi com o historiador norte-americano Thomas Skidmore.

Não existiam fronteiras para ela. Nessas viagens pelo mundo a fora, tentou angariar recursos financeiros, junto a órgãos internacionais, para execução da agenda política do grupo Nzinga, recém criado por mulheres negras brasileiras. Ela conhecia de perto as dificuldades encontradas, por essas militantes, para colocar em prática seus projetos.

Em Nairobi, África, participou da III Conferência Mundial sobre a Mulher, evento de encerramento da Década da Mulher 1975-1985, o qual reuniu feministas do mundo todo. Em solo africano, Lélia aproveitou para visitar comunidades rurais locais. Para ela, conhecer profundamente as matrizes – religiosas, culturais, históricas – africanas era fundamental para o conhecimento de nossa cultura: “africanizada”. Além disso, ela incentivava a leitura de Aimé Césaire, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e outros escritores africanos.

O mundo estava conhecendo Lélia Gonzalez. Se viva fosse, atualmente, ela seria considerada uma cidadã cosmopolita, ou seja, uma cidadã do mundo e conhecedora de diversas culturas e línguas. No entanto, seu foco de luta estava no Brasil: a mulher negra. Para além do compromisso pessoal, o empenho de Lélia era voltado para um coletivo do qual ela também fazia parte.

Na capital da Itália, ela foi convidada para integrar o Conselho Diretor da Society for International Development/SID, no qual atuou durante um ano. Nessa ocasião, aqui no Brasil, Lélia tornou-se professora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio e Diretora do Planetário da Gávea.

Lélia Gonzalez com suas/seus alunas/os da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, 1980 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. ‘Diploma Uma das Dez Mulheres do Ano de 1981’, concedido pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil – 01º de fevereiro de 1982 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. IIIª Conferência Mundial sobre a Mulher – Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | *Acervo Lélia Gonzalez*





Lélia Gonzalez visitando uma comunidade rural. IIIª Conferência Mundial sobre a Mulher - Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

Entre uma atividade e outra, Lélia arrumava as malas e viajava para onde a convidavam. Em 1987, ela participou do Festival Pan-Africano de Artes e Cultura/FESPAC, em Dakar, África. Abdias do Nascimento integrou o Comitê Dirigente Internacional do Festival. A ideologia pan-africanista estava em evidência, desde o início do século XX, na voz do americano W. Du Bois e tinha como propósito a criação de uma “unidade africana”.

Lélia sempre defendeu a descolonização dos países africanos e afirmava que o Brasil deveria romper relações diplomáticas com países que mantinham políticas racistas. Nessa ocasião, o sul africano Nelson Mandela – um ícone da luta contra o apartheid em seu país – estava preso e sua libertação era um assunto que fazia parte das agendas políticas dos movimentos negros, desde a década de 1970.

Em Miami, EUA, Lélia participou da Conferência da Negritude, onde conheceu um dos maiores expoentes do movimento, o martinicano Aimé Césaire. Na verdade, o movimento da negritude foi idealizado fora da África, provavelmente nos Estados Unidos. No entanto, em Paris, na década de 1930, um grupo de estudantes negros – Aimé Césaire (Martinica), criador da palavra negritude, Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal) – foi responsável pela divulgação do movimento com a publicação da revista L'étudiant Noir (O Estudante Negro).

No final da década de 1980, as viagens para o exterior começaram a diminuir, enquanto no cenário nacional Lélia estava em plena atuação no Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e no Conselho Internacional do Memorial Gorée, África.



Lélia Gonzalez e Aimé Césaire, um dos maiores expoentes do movimento da negritude. Conference on negritude, ethnicity and afro-cultures in the Americas, Miami, EUA, 1987 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, 'Mulher negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo'. Relatório de Pesquisa entregue à Fundação FORD, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez

# 6

## LÉLIA GONZALEZ TOMANDO PARTIDO...



O início da década de 1980 marcou uma nova inflexão na trajetória política de Lélia Gonzalez. É o momento de seu envolvimento com a política partidária. O contexto é de uma década marcada por grandes (re) ordenamentos políticos.

Com o fim do bipartidarismo, novas alianças políticas começaram a surgir. A Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido que sustentava o regime militar, foi rebatizada de PDS (Partido Democrático Social), depois PFL (Partido da Frente Liberal) e atualmente DEM (Democratas). O MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição ao regime, foi rebatizado de PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

Outras alianças políticas foram se consolidando e com isso a formação de novos partidos como o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em meio a essa efervescência política, social e cultural, os movimentos de resistência social ganharam força e visibilidade.



Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Em 1981, Lélia já militava no Partido dos Trabalhadores, fazendo da luta contra o racismo sua plataforma política e assumindo sua identidade de mulher negra com posições ideológicas de esquerda. Acreditava que esse era o espaço onde a possibilidade de emancipação dos negros e a tão almejada igualdade encontraria um terreno fértil.

A decepção não tardou a chegar. Logo, vivenciou as dificuldades, e a resistência, que o partido tinha em colocar na pauta e na ação o enfrentamento à questão racial. Persistia tanto no pensamento da esquerda brasileira, como no da direita, a ideia de “democracia racial”, a qual encobria as assimetrias sociais e o racismo arraigado em nossa sociedade.

Lélia não se furtou à necessidade de influir nesse campo, por mais contraditória e inóspita que tal tarefa se mostrasse. Sobre esse envolvimento nos dá testemunho Luiza Bairros:

*as cautelas de Lélia em relação à cooptação não fizeram dela uma militante avessa à participação em setores políticos fora do movimento negro. Pelo contrário, ela temia que sucumbíssemos às tentativas do sistema de nos ‘guetizar’”* .



Lélia Gonzalez. Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Reunião do PT, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez

Assim, no Partido dos Trabalhadores (PT), ela militou entre 1981 e 1985, integrando o Diretório Nacional do partido por três anos. Foi candidata à deputada federal, em 1982, mas não conseguiu se eleger e ocupou a primeira suplência da bancada.

Sua campanha para deputada federal intitulada “Maiorias Silenciadas” – e não silenciosas – baseou-se na agenda dos movimentos negros e de mulheres. O ponto chave eram os sujeitos dos novos movimentos sociais surgidos no Brasil, por ocasião da redemocratização: as mulheres, os negros e os homossexuais. O ponto de união entre os três grupos era a questão da discriminação e do preconceito, forte bandeira de luta nos três movimentos, apesar das especificidades de cada um.

Para ela, a prática da discriminação não se restringia à população negra, mas também a outras “minorias”, como as mulheres, os índios, os homossexuais, que estavam buscando espaços de poder para pautar suas demandas. Essas questões não eram contempladas dentro do partido. Com isso, essas incompatibilidades ideológicas motivaram a saída de Lélia do PT<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. 2005. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia





Rose Marie Muraro ... dobradinha com Lélia quando ela se candidatou a deputada estadual ... a Rose era candidata a deputada federal | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*



Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*



Lélia Gonzalez com o sobrinho Rubens. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*

## PT Saudações...

Em artigo publicado na Folha de S. Paulo, em 1983, ela criticou duramente o programa televisivo elaborado pelo PT, que foi apresentado em rede nacional. Entre os dez temas abordados pelo partido, não mencionaram a situação dos afro-descendentes. Lélia considerou esta atitude “racismo por omissão”, um dos aspectos da ideologia do branqueamento.

Por outro lado, Lélia chamou a atenção para o fato de que nem todos os seus companheiros de partido eram descomprometidos com o racismo, por isso mesmo, deveriam tratá-los com mais seriedade, levando em conta todas as suas implicações na sociedade: desigualdade, inferiorização, marginalização etc.. Concluiu destacando que:

o ato falho com relação ao negro e que marcou a apresentação do PT pareceu-me de extrema gravidade não só porque alguns dos oradores que ali estiveram possuem nítida ascendência negra, mas porque se falou de um sonho; um sonho que se pretende igualitário, democrático etc., mas exclusivo e excludente. Um sonho ‘europeizantemente’ europeu. E isso é muito grave, companheiros. Afinal, a questão do racismo está intimamente ligada à suposta superioridade cultural. De quem? Ora... Criolêu, mulherio, indiada deste país: se cuida, moçada...”<sup>1</sup>.

Em 10 de novembro de 1985, encaminha ao Presidente do Partido, Lula, carta na qual expõe os motivos para a solicitação de afastamento.

Caro companheiro. Pelo fato de discordar das práticas desenvolvidas pelo PT/RJ (expostas em carta dirigida ao companheiro Lula, datada de 07/11/85), sobretudo no que diz respeito ao estreitamento de espaços para uma política voltada as chamadas minorias, peço meu desligamento do PT, declarando ao mesmo tempo, que estou encaminhando minha filiação ao PDT, onde acredito poder melhor trabalhar em termos de implementação da política supracitada. Declaro, por outro lado, que não é sem dificuldades que tomo esta decisão. Afinal, foi graças ao PT (às suas propostas) que me decidi a entrar na vida político-partidária, acreditando na possibilidade de inovação dentro da mesma. Disso, não poderei me esquecer; embora sabendo que os caminhos são tortuosos e que a luta não pode deixar de continuar junto com e em favor dos explorados, oprimidos, discriminados. Com respeito de sempre, as saudações cordiais de quem sempre buscou estar nas lutas dos discriminados”. (Lélia de A. Gonzalez)

<sup>1</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo por omissão. In: Folha de São Paulo, Caderno Opinião, 13 de agosto de 1983, p. 03.

Em 1986, convidada por Abdias do Nascimento, Lélia se candidata a deputada estadual pelo PDT, elegendo-se primeira suplente. Sobre a filiação de Lélia ao partido liderado por Leonel Brizola, a pesquisadora Elisa Larkin relata que:

(...) o PDT foi o primeiro partido a assumir como prioridade programática a questão racial e, mais do que isso, por insistência também do Abdias e do grupo que o acompanhava evidentemente, mas ele era o grande porta voz (...). Eu acredito que quando Lélia sai do PT e vai para o PDT é por causa disso, porque ela está optando pelo partido que melhor definiu e agiu sobre a questão racial na sua ação política”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Elisa Larkin Nascimento à Rosana Chagas em 14 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Lélia Gonzalez. Carta Oficial de desligamento do PT, 1985

| Acervo Lélia Gonzalez

Rio de Janeiro, 10/11/1985.

Ao Presidente do Partido dos Trabalhadores/RJ

Caro companheiro

Pelo fato de discordar das práticas desenvolvidas pelo PT/RJ (expostas em carta dirigida ao companheiro Lula, datada de 7/11/85), sobretudo no que diz respeito ao estreitamento de espaços para uma política voltada para as chamadas minorias, peço meu desligamento do PT, declarando ao mesmo tempo, que estou encaminhando minha filiação ao PDT, onde acredito poder melhor trabalhar em termos de implementação da política supracitada.

Declaro, por outro lado, que não é sem dificuldades que tomo esta decisão. Afinal, foi graças ao PT (às suas propostas) que me decidi a entrar na vida político-partidária, acreditando na possibilidade de inovação dentro da mesma. Disso, não poderei me esquecer; embora sabendo que os caminhos são tortuosos e que a luta não pode deixar de continuar junto com e em favor dos explorados, oprimidos, discriminados.

Com o respeito de sempre, as saudações cordiais de quem sempre buscou estar nas lutas dos discriminados

  
Lélia de A. Gonzalez

## Racismo por omissão

LÉLIA GONZALEZ

O Congresso do Partido dos Trabalhadores, em sua primeira sessão plenária em Brasília, em 1988, foi marcado por debates e decisões que apontaram para a construção de uma nova ordem social e política. Um dos pontos centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma grande conquista foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

Lélia Gonzalez. Artigo: Racismo por omissão. Terra, Folha de São Paulo, São Paulo, 13 de agosto de 1983.

Uma das questões centrais foi a inclusão de mulheres e negros na liderança do partido. Isso não aconteceu imediatamente. A luta foi longa e árdua, envolvendo debates e negociações que refletiram as desigualdades existentes na sociedade brasileira. A luta por igualdade de gênero e raça não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma luta por democracia e participação política.

A mulher na Assembleia



**LÉLIA GONZALES**

Por uma sociedade justa, igualitária e democrática

Para Deputada Estadual

**LÉLIA GONZALES**



**LÉLIA GONZALEZ**  
DEPUTADA ESTADUAL  
PDT - 1988  
AV. MELHOR, 100/100  
13.040-000

“Pelas diferenças, contra as desigualdades”

Lélia Gonzalez

Comitê dos Operários de Cultura  
Rua Prof. Gonzalo, 216  
Tijuna RJ

Dep. Estadual - PDT  
n. 12.114

Lélia Gonzalez. Folder da campanha de Lélia para Deputada Estadual pelo PDT, 1987 | Acervo Lélia Gonzalez





Lélia Gonzalez entre amigos. Festa de sua Posse como Diretora do Planetário da Gávea, Rio de Janeiro, agosto 1987 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. Livro Festas Populares do Brasil. Texto de Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1987 | Acervo REDEH



Lélia Gonzalez e outras conselheiras do CNDM em reunião com lideranças nacionais do Movimento Negro Unificado, Brasília, 1987

| Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/Guilherme Romão



Lélia Gonzalez e outras conselheiras na Iª reunião do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM - no Palácio da Justiça, Brasília, 1985

| Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/J. Lacerda



**Identificar as pessoas**

Lélia Gonzalez, Benedita da Silva e outras. Posse de Ruth Escobar - primeira presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, Brasília, 1985 | Arquivo Nacional de

Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/Getúlio Gurgel

# CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER DIGA NÃO À VIOLÊNCIA - BSB, 25 DE NOVEMBRO DE 85

Em sua plataforma eleitoral, mais uma vez, assumiu o compromisso político com a mulher negra e com a descolonização da cultura. Em seu folder de campanha elaborou um texto denominado Odara Dudu = Beleza Negra, no qual enalteceu o Bloco Afro-Ilê Aiyê, Salvador, e o Agbara Dudu, Rio de Janeiro.

Para além da festividade, essas entidades desenvolviam atividades didático-educativas e concursos de estética, como forma de valorizar, resgatar e afirmar uma identidade negra. Segundo Lélia, essas atividades faziam com que a nossa etnia tomasse consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país, como nas de muitos outros das Américas<sup>3</sup>.

Portanto, a opção de Lélia pela política partidária e participação nos processos eleitorais ligava-se às suas preocupações em tornar público o debate em torno da questão racial no Brasil, e fazer avançar a agenda de promoção da igualdade racial. Estava convencida de que seria no campo político da esquerda que a militância negra encontraria as melhores condições para pautar as suas reivindicações.

Após uma exaustiva campanha eleitoral, e nem tão exitosa, Lélia foi empossada Diretora do Planetário da Gávea e assume o posto no dia 27 de agosto. Nesse mesmo ano, em tributo à cultura popular brasileira publicou o livro Festas Populares no Brasil. Com essa obra, composta por imagens de conhecidos fotógrafos do folclore brasileiro, recebeu um prêmio na categoria “Os mais belos livros do mundo” na Feira de Leipzig na Alemanha, em 12 de março de 1989.

A iconografia da obra, que trata das principais festas populares brasileiras, é comentada por Lélia Gonzalez, que neste período dava aulas de Folclore Brasileiro no Departamento de Artes da PUC-Rio.

<sup>3</sup> Folder da Campanha de Lélia no PDT localizado no Acervo Lélia Gonzalez durante a pesquisa de campo realizada no mês de agosto de 2011, no terreiro Ilê Oxum Apará, Itaguaí.



Lélia Gonzalez. Seminário Diga Não à Violência Contra a Mulher. Campanha do CNDM, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez



# 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS



## Um bom Conselho...

Em 1985, Lélia é convidada a integrar o recém criado Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) órgão federal instituído com o objetivo de promover, em âmbito nacional, políticas que visem eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas e econômicas e culturais do País, conforme decreto de criação.

Com Ruth Escobar na presidência, Lélia era uma das conselheiras ao lado de Carmen Barroso, Tisuka Yamasaki, Maria Betania Ávila, Maria Conceição Tavares, Rose Marie Muraro, Maria Elvira Salles Ferreira, Sonia Germano, Marina Colassanti, Margarida Genevouis, Jacqueline Pitanguy, Benedita da Silva, Ruth Cardoso, entre outras. Lélia permanece no CNDM até 1989.

Em novembro de 1988, por ocasião do centenário da Lei Áurea, a Conselheira Lélia é uma das expoentes do Tribunal Winnie Mandela, promovido pelo Programa da Mulher Negras do CNDM, em parceria com a OAB-SP. O Tribunal reuniu diversas organizações da sociedade civil numa espécie de júri simulado, para discutir o racismo no Brasil.

Em dezembro do mesmo ano, participa do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), em Valença, no Rio de Janeiro. O evento mobilizou cerca de 440 participantes de 19 estados brasileiros. O discurso de abertura destaca que: “No processo de revisão do lugar da mulher negra na sociedade brasileira desencadeada pelos movimentos de mulheres há uma década, a questão da mulher negra passa assim a constituir agentes fundamentais da reconstrução deste país; a partir desta expectativa surge o nosso I Encontro Nacional de Mulheres Negras do país”<sup>1</sup>.

Esse foi um momento oportuno para o fortalecimento das organizações das mulheres negras, para o surgimento de novas lideranças e redimensionamento da agenda política.



pag. 90 e 91: Informe Mulher. Informativo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM - Tribunal Winnie Mandela, 1988 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Cartaz de divulgação do 1º Encontro nacional de Mulheres Negras - ENMN - Valença, Rio de Janeiro, 1988 | *Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra*

Cartaz de divulgação do Tribunal Winnie Mandela - promovido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (DF), Comissão de Mulheres Negras do CECF (SP) e a Comissão da Mulher Advogada da OAB (SP), 1988 | *Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra*

<sup>1</sup> I Encontro Nacional de Mulheres Negras. Valença, RJ: Enúrgbarijo Comunicações, 1988. Parte 1. Disponível em: <[http://www.cultne.com.br/video.php?id\\_video=417](http://www.cultne.com.br/video.php?id_video=417)>. Acesso em 14 out. 2011.



Cartaz produzido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher por ocasião dos cem anos da assinatura da Lei Áurea, 1988 | Acervo REDEH

## 7 ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA: CEM OU SEM ANOS?

A promulgação da Carta Constitucional de 1988 apresentou alguns avanços no que dizia respeito à questão racial brasileira. A prática do racismo, a partir de então, “constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. Pela primeira vez na história da legislação brasileira, o racismo se tornou crime. No entanto, cabe lembrar que, em 1951, uma lei chamada de Lei Afonso Arinos 1390/51 (revogada em 1985 pela Lei 7437) já proibía a discriminação racial no Brasil, mas a prática do racismo em si não era criminalizada.

Nesse mesmo ano, o Brasil comemorou o centenário da abolição. De um lado, as comemorações oficiais festejavam o fim da escravidão e a “democracia racial” brasileira. De outro, lideranças e ativistas do movimento negro, do qual Lélia fazia parte, denunciavam a discriminação, o racismo e a farsa da cordialidade entre as raças/etnias na sociedade brasileira. Para essas lideranças, não havia razões para que se comemorasse a Abolição, como se desigualdades e racismo não existissem. A ocasião, diziam, deveria ser transformada em Dia de Denúncia contra o Racismo.

Com isso, dentre tantas iniciativas nacionais, organizaram uma marcha “Contra a farsa da Abolição”, no Centro do Rio de Janeiro. Essa mobilização causou certo desconforto e a Central do Brasil, palco de manifestações no Rio de Janeiro, no dia 11 de maio de 1988, amanheceu cercada de policiais para impedir que a caminhada prosperasse. Apesar dessa intimidação, a Marcha aconteceu.

No dia 20 de novembro de 1988, outra marcha foi organizada em homenagem ao dia da morte de Zumbi, liderança quilombola de Palmares. Nessa manifestação, Lélia Gonzalez esteve presente e enalteceu a memória de Zumbi, ao lado de grandes expoentes do movimento, como Abdias do Nascimento, Benedita da Silva e outros.

*“(…) Zumbi, herói nacional que foi liquidado pela traição das forças colonialistas, o grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas, as nossas crianças não sabem e quando eu falo de nossas crianças tô falando de crianças negras, brancas, amarelas, não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano surgiu no Brasil e foi criado pelos negros, pelos negros que resistiram, resistiram à escravidão e se dirigiram para o sul da capitania de Pernambuco, atual Estado de Alagoas, a fim de criar uma sociedade livre, igualitária, uma sociedade alternativa, onde negros, índios, brancos pobres viviam no maior respeito, proprietários da terra e senhores do produto do seu trabalho. Palmares é um exemplo livre, típico de uma nacionalidade brasileira que ainda está por se constituir, nacionalidade esta, onde negros, brancos lutam nesse momento, lutando para que esse país se transforme efetivamente numa democracia”.*

No ano seguinte, 1989, Lélia viajou para Dakar, Senegal, a fim de participar da Assembléia Constituinte da Fondation Mondiale pour Mémorial et La Sauvergarde de Gorée, tornando-se Membro do Conselho Internacional do Memorial de Gorée, organização dedicada ao projeto de construção de um memorial aos africanos escravizados na ilha senegalesa que, no passado, havia servido como entreposto do comércio escravista.



Manifestação do Movimento Negro 'Contra a Farsa da Abolição', na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988  
| Acervo JG/Foto Januário Garcia

Algumas teses, dissertações  
e publicações sobre Lélia Gonzalez:

- BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. A atualidade de Lélia Gonzalez. In. Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina. Rio de Janeiro, 1880-1910. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 34-48.
- RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos, Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010.
- Os lugares da gente negra: raça, gênero, espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
- RATTS, Alex & RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Mestrado em História Comparada (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), 2006.

Cartaz de divulgação do evento 'As mulheres na luta contra a escravidão' - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, 1988  
| Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra



Manifestação do Movimento Negro 'Contra a Farsa da Abolição', na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988

| Acervo JG/Foto Januário Garcia

Forças Militares "fiscalizando" a manifestação do movimento negro 'Contra a Farsa da Abolição' na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

**SEMINARIO**  
"MULHER NEGRA  
100 ANOS DEPOIS"  
22 a 24/07/88



**PROMOÇÃO: União de Mulheres do  
Nordeste de Amaralina  
Salvador - Ba**

Cartaz de divulgação do evento 'Mulher Negra 100 anos depois' - promovido pela União de Mulheres do Nordeste de Amaralina, Salvador, Bahia, 1988 | Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra



Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1969 | Acervo Lélia Gonzalez

# 8

## DÉCADA DE 1990 — COMO CANGIRAUÉ, LÉLIA FOI PARA O ORUM

A década de 1990, a última do século XX, trouxe a expectativa e a euforia com a proximidade do ano 2000. Nesse contexto de consolidação da democracia, cresce o número de organizações não governamentais que estrategicamente redimensionavam suas agendas, incluindo em suas prioridades a luta por políticas públicas. Entre elas, estavam as organizações de mulheres negras que começam a pipocar Brasil afora.

Para Lélia, essa foi uma fase de grande reflexão e auto-crítica para uma mulher que “mergulhou de cabeça” na militância e não priorizou seus projetos pessoais. O ativismo e a entrega sem reservas às demandas que isso implicava acabavam deixando para segundo plano as possibilidades de organizar seu pensamento, o seu legado. Talvez, não sabemos ao certo, acreditasse que haveria um tempo em que pudesse se recolher e deixar para as gerações de militantes que inspirou, ou formou, suas contribuições para as questões de gênero e raça no Brasil. O tempo, contudo, não lhe foi tão generoso. Segundo ela:

“[...] Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços para poder seguir a minha existência enquanto pessoinha que sou. E a gente sai muito ferido e machucado dessa história toda”

pag. 103 a 105: Lélia Gonzalez. Entrevista ao Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado - MNU - maio/junho/julho, 1991

| Acervo Lélia Gonzalez

**MNU**  
JORNAL

JORNAL NACIONAL DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

17.17 - maio/junho/julho de 1991 - São Paulo

A magia do Reggae: da Jamaica ao Maranhão

Entrevistas com Lélia Gonzalez e Bryan Stevenson

Bob Marley: o mito como metáfora

A cor da Pena de Morte

Reaja à violência racial:  
**“beije sua preta em praça pública”**  
(ORD)

ENTREVISTA

LÉLIA GONZALEZ

Jornal do MUNU - Lélia, você e Mervynne Nagy tem contribuído para a elaboração do novo Estatuto Constitucional que você faz parte do movimento...

Lélia Gonzalez - Eu acho que a constituição foi muito positiva, eu acho que de que que constituição tem validade e validade como um todo, inclusive o quanto temer para o respeito da sociedade brasileira, esse respeito de não ser de poder político e não ser de poder econômico, de poder cultural...

Jornal do MUNU - Não estamos a dar apoio de apoio XXI, com uma posição mais em sua maioria social...

Jornal do MUNU - Não estamos a dar apoio de apoio XXI, com uma posição mais em sua maioria social...

uma ou outra situação, sem proprios profissionais nem...

Lélia Gonzalez - No Africa, tem duas Constituições em que existe, uma que é antiga, herdada por um movimento do Movimento Negro da EUA...

Jornal do MUNU - A tarefa é muito grande, você e o movimento Negro são importantes...

uma a tarefa pela sua experiência, pelo que aprendeu durante anos de luta, politização, não todos juntos, nem todos e legitimados...



trabalho. E você também que também percebeu uma situação extraordinária, de complexidade com uma...

Jornal do MUNU - Você apontou as as condições de trabalho, já os direitos sociais?

Lélia Gonzalez - Deixa, que relação com Conselho, com o que...

Jornal do MUNU - Foi um pouco sobre sua trajetória no movimento Negro?

Lélia Gonzalez - Deixa, que relação com Conselho, com o que...

Jornal do MUNU - Quando falamos há pouco de Lélia e Mervynne Nagy, gostaríamos de algumas palavras de solidariedade que você poderia nos dar...

Lélia Gonzalez - A verdade é que eu acredito de Mervynne Nagy e também uma coisa bastante que eu acredito...

Jornal do MUNU - Quando falamos há pouco de Lélia e Mervynne Nagy, gostaríamos de algumas palavras de solidariedade que você poderia nos dar...

Entrevista realizada em 1988, publicada no Jornal do MUNU...



Nesse período de reflexão, se afastou da militância e, publicamente, expressou sua decepção com àqueles/as que se deixavam cooptar pela lógica do sistema capitalista e abandonavam seus ideais. O machismo dentro do próprio movimento negro causava-lhe desconforto, uma vez que a tão almejada igualdade sempre havia sido uma bandeira de luta.

Ao retornar de uma viagem à África, em 1992, sua sobrinha Eliane de Almeida nos relatou que Lélia estava com uma ferida nas costas e preocupada porque não cicatrizava. Após fazer alguns exames, foi diagnosticada com uma diabetes tipo B e a dieta e tratamento eram inevitáveis. Manéu, seu sobrinho/filho comentou:

**“Fiquei um período sem encontrá-la. Passei por um momento difícil na minha vida, me separei da minha mulher Joyce e neste intervalo eu voltei a morar com Lélia. Quando a vi, tomei um susto, ela estava muito magra”<sup>1</sup>.**

Além da família, sempre presente para acolhê-la, os amigos Januário Garcia e Ana Maria Felipe ofereceram total apoio. Quando esteve mais debilitada, ele a acompanhava ao médico e ao Departamento de Sociologia e Política da PUC Rio, do qual se tornou diretora poucos meses antes de falecer. Lélia buscou, também, um tratamento espiritual com seu orientador Pai Jair D’Ogum, para quem doou todo o seu acervo.

Quando Rubens (Manéu) reatou seu casamento com Joyce, Eliane de Almeida e suas duas filhas, Gabriela e Ísis, foram morar com Lélia. Todos estavam preocupados com o estado de saúde dela, que evoluiu para uma insuficiência cardíaca, uma das sequelas da doença.

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 20 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Lélia Gonzalez e seu amigo Januário Garcia. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981 | *Acervo Lélia Gonzalez*  
Lélia Gonzalez. Bahia, década de 1980 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez. Dakar, Senegal, julho de 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez e sua sobrinha Eliane de Almeida, Rio de Janeiro, 1969 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Fotos do Acervo Lélia Gonzalez/ Terreiro Pai Jair D'Ogum, Itaguaí, Rio de Janeiro, agosto /setembro 2011 | Acervo REDEH

Pag. 110 a 113: Lélia Gonzalez no Calendário Mulheres no Palco da História - uma parceria da Rede de Desenvolvimento Humano, Caixa Econômica Federal, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres / Governo Federal, 2011 | Acervo REDEH

Lélia Gonzalez na Coleção Yoté: o jogo da nossa história - Livro do Professor - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2010 | Acervo REDEH

Cartaz do Movimento Negro Unificado em homenagem à Lélia Gonzalez, Brasília | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Cartaz do Movimento Negro Unificado em homenagem à Lélia Gonzalez, Brasília | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Flávia Rios e Alex Ratts. Lélia Gonzalez. Coleção Retratos do Brasil Negro, 2010 | Acervo REDEH

Diploma Lélia Gonzalez, CUT/RJ | Marco Scalzo/CUT Rio

Catálogo da Peça Teatral 'Candaces: a reconstrução do fogo'. Encenação Marcos Meirelles. Companhia dos Comuns, 2003 | Acervo REDEH

## *A passagem, mas não o final de uma trajetória. Benditos os frutos.*

Lélia era uma mineira de alma carioca, apaixonada por samba e futebol. Torcedora do Flamengo, não comemorou o tetracampeonato brasileiro na Copa de 1994. No dia 10 de julho, sua sobrinha estranhou seu recolhimento até a hora do almoço e foi chamá-la para comer uma carne assada com macarrão, um de seus pratos prediletos:

*“No dia 10 de julho vou acordá-la e encontrei-a morta [...] foi em casa, do jeito que ela pediu. Nós conversamos até tarde, era jogo do Brasil, mas não assistimos porque ela ficava nervosa. Nesse dia ela falou que não queria beber porque estava um pouco enjoada, tomou suco, beliscou algumas coisas e me fez seu último pedido: ‘amanhã você faz macarrão com carne assada que eu adoro?’”.*

Lélia reinterpretou a História do Brasil sobre a ótica da mulher negra e, por tudo isso, pesquisadores, estudiosos, militantes e amigos têm feito um esforço para visibilizar e registrar a vida e a obra de Lélia Gonzalez, uma das memórias do movimento negro e de mulheres do Brasil. Sem dúvida, tem um lugar especial no coração e na ação política dessas maiorias silenciadas e nunca silenciosas.

Parte de seu pensamento está disponível no site Memorial Lélia Gonzalez, criado no ano de 2003, por sua amiga Ana Maria Felipe, a qual, atualmente, é uma das maiores compiladoras e divulgadoras de sua obra



Lélia Gonzalez. Na varanda de seu apartamento no Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez e sua sobrinha neta Gabriela - filha de Eliane de Almeida - 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

# Mulheres no palco da história

Você sabe a que elas representam para a nossa história?

CAIXA



Julho 2010

0	1	2	3	4	5
		1	2	3	
4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27
28	29	30	31		

CAIXA

# LÉLIA GONZALEZ

1928 - 2005

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO  
REDAÇÃO: DP

### Nome da Personagem: LÉLIA GONZÁLES

Nome completo: LÍLIA DE ALMEIDA GONZÁLES  
Filiação: Otoniel Gonzales e Amélia e Aldegar Gonzales de Almeida  
Nascimento: São Francisco - SP - 01 de Junho de 1928  
Falecimento: Rio de Janeiro - RJ - 10 de Junho de 2005

Viver em um mundo onde as pessoas não sejam julgadas pela sua cor ou raça é um sonho e um sonho que a Lélia viveu porquendo NA muito tempo.

A nossa história fala de uma jovem que tinha tudo para desistir, mas que ficou por um mundo onde as pessoas não fossem julgadas pela cor. Foi assim que Lélia de Almeida Gonzalez, Lélia nasceu em São Francisco no dia 01 de Junho de 1928. Sua cor era branca! Uma

Uma criança de seu pai negro e de sua mãe branca. Uma criança que poderia ser usada como exemplo e fazer com as crianças a vida natural. A escola é um dos pontos de contato de cor, e mesmo com a falta de recursos e proporção. Lembrando que outras crianças poderiam ser usadas, até como exemplo: leite materno, sem leite materno, café. As crianças poderiam se desistir em um papel e poder não a falta de pessoas. As crianças também poderiam misturar as cores e perceber novas cores sendo formadas. É uma atividade interessante e diferente. Tudo podemos esquecer a forma de registrar o que eles postaram, sentir. A escola também ajudará no entendimento do significado de proporção e quantidade. Você pode também, problematizar as quantidades usadas na receita e incentivar o raciocínio lógico e as operações matemáticas na resolução dos problemas propostos. Lembrando novamente que o registro é muito importante! O problema é que nem todo o lado entende que não somos iguais e que nossas diferenças mudam a cor por a beleza do nosso Brasil. Algumas pessoas desvalorizadas não representam a beleza de Lélia, o que no começo a deixou triste. Mas ao no começo, com Lélia sabia que se fosse possível, essas pessoas desvalorizadas e discriminadas não aprenderiam a respeitar ninguém, não importava sua cor.

### ANEFRIANIDADE

Lélia Gonzalez



# CANDACES

**Maris uma alfeia.**  
*Um dia chegou a um livro a uma Candace de torso entapado de experiência, montado com seu cabelo negro como uma sacralidade.*  
*Um dia chegou a um livro, 'yoté', contava e contava histórias.*  
*Histórias de mulheres guerreiras, histórias das Mães, de revoluções e de espíritos maldosos que construíram a base da humanidade. Contava histórias de Nani, no Centro da América, debatendo em português.*  
*O que ela queria, todo o tempo, era passar para o povo de alfeia o entendimento de que ela não se dá todo. O tempo todo ela estava de propósito das mudanças que estava tendo por dentro. Ela mantinha confiantemente.*

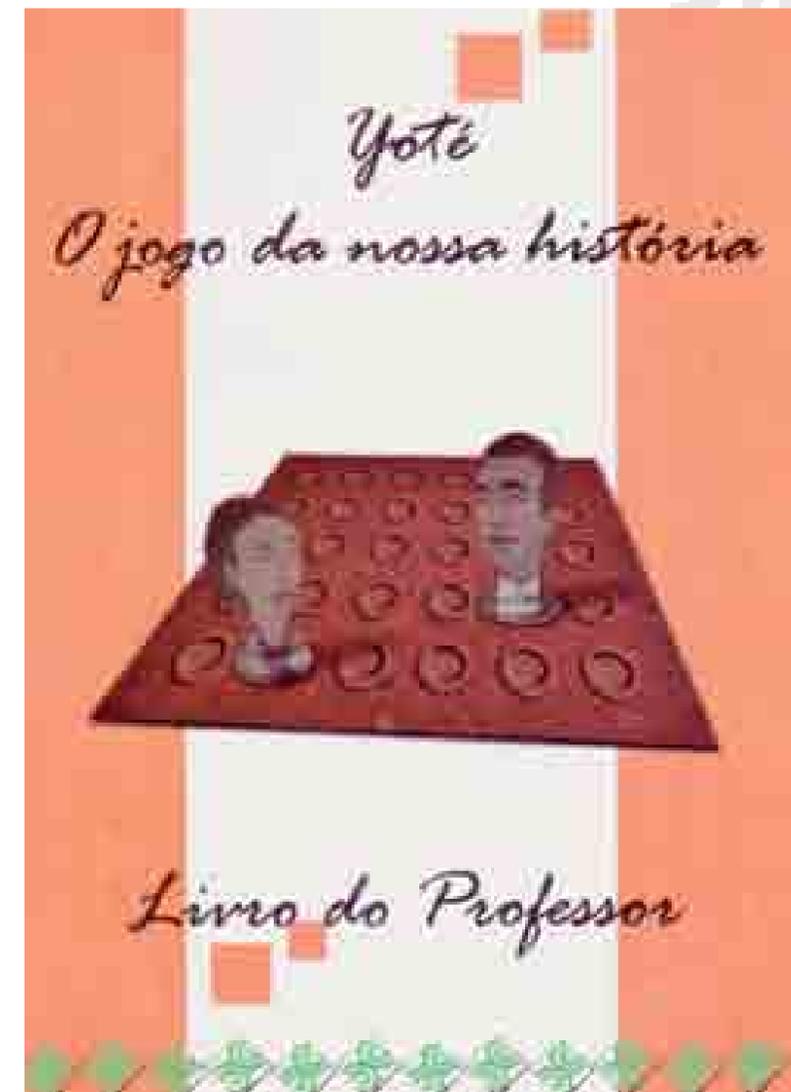
## Lélia Gonzales

*A alfeia de histórias passadas por sua Candace, de torso entapado de experiência, montado com seu cabelo negro como uma sacralidade, em uma que estava alfeia, trilha, mudou para uma para o resto. E observava cada alfeia contada por ela.*  
*Um dia quando a alfeia acabou, percebeu que ela havia partido. Todos ficaram perplexos, confusos... Como? Quem seu cabelo estava ficando, que?*  
*A alfeia estava de dentro, tentada em a lfeia que fazia a Candace de torso entapado de experiência, montado com seu cabelo negro como uma sacralidade. De repente, as pessoas se entreolhavam e compreendiam que ela precisava continuar o seu cabelo e que cabelo e cada vez transformava a natureza de cabelo em história. Cada história, cada trilha, cada estudo que fazia de sua história, defendendo.*  
*Como em sua vida, para cabelo e muito mais, a lfeia não estava se tornando e se tornando o cabelo de sua história.*

**Valeu, Lélia Gonzales!**

Nani D'Amorim

A Reconstrução do Fogo





Rubens Rufino – o Manéu – recebe da Ministra Chefe da SEPPIR Luiza Bairros uma homenagem póstuma à Lélia Gonzalez. 7º Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Florianópolis, Santa Catarina, 2012 | *Acervo ????????????*

Seu acervo pessoal está sob a responsabilidade do Pai Jair D'Ogum, no Ilê Oxum Apará, em Itaguaí, no Rio de Janeiro. Segundo ele: “Era o desejo dela que sua obra fosse conhecida e disponibilizada para o público”. Nele, encontra-se boa parte da história do movimento negro brasileiro, a partir da década de 1970.

Reconhecida nacionalmente pelos movimentos antirracista e feminista, sua trajetória, militância e contribuição para a história do movimento negro e de mulheres estão sendo, progressivamente, resgatadas através de publicações, sites, teses e dissertações. Podemos citar alguns estudos recentes e importantes iniciativas, os quais não permitem que Lélia seja mais uma mulher negra silenciada pela História Oficial.

O esforço de Lélia não foi em vão. Resultado de décadas de reivindicações, em 2003, o governo Lula criou a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com status ministerial. Além disso, foi sancionada a Lei 10.639 de 09/01/2003 que insere a temática da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino.

A Lei 10639/03 reconhece a luta de gerações de militantes negras/os, dentre elas/eles, Lélia Gonzalez, que foi a pioneira do feminismo negro no Brasil. Por tudo isso, através das muitas militâncias que inspirou, segue escrevendo e reescrevendo o lado negro da história do Brasil.

A mais recente condecoração à memória de Lélia Gonzalez foi concedida no VII Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre os dias 16 a 20 de julho de 2012, em Florianópolis, Santa Catarina. Seu sobrinho/filho Manéu compareceu ao evento e recebeu das mãos de Luiza Bairros, a então Ministra-Chefe da SEPPIR, essa merecida homenagem. Além dela, os líderes Abdias do Nascimento e Vicente Francisco do Espírito Santo – in memoriam – também foram prestigiados por sua luta histórica contra o racismo.

## Os herdeiros de Lélia

A última filha de seu Acácio e Dona Urcinda a falecer foi Lúgia, no ano de 1998, aos 69 anos de idade, e, com ela, fechou-se o ciclo da segunda geração da família Almeida. Nesse mesmo ano, a matriarca Dona Urcinda completaria um século de vida.

Da terceira geração, localizamos três, dos quatro filhos de Dora, irmã de Lélia: Roselívia, chamada de guardiã da memória da família, Roberto e Rubens, sobrinho/filho de Lélia, que muito contribuíram para esta pesquisa. A quarta irmã Roseni não pôde nos conceder uma entrevista por motivo de saúde.

Conversamos, também, com Eliane, a Lili, filha única de Elisa, irmã mais velha de Lélia e primogênita do casal Almeida. Tivemos a oportunidade de conhecer a filha mais velha de Lili, Gabriela, assistente social, que já faz parte da quarta geração. A caçula de Eliane, chamada Ísis, está se graduando em Biologia. Seu nome foi um desejo de Lélia, em homenagem a deusa da mitologia egípcia.

Dessa quarta geração, conhecemos, também, a filha de Rubens, Melina, historiadora, e seu filho Marcelo, ambos do casamento com Joyce, e da quinta geração o Renzo, neto de Roberto, que seria bisneto de Dora. Sabemos que Jayme de Almeida deixou filhos, dentre eles: Jayme, auxiliar de Vanderlei Luxemburgo, quando este era técnico de futebol do Flamengo.



Os irmãos Rubens Rufino, José Roberto Rufino e Roselívia Almeida, 2012 | *Acervo REDEH*

Rubens Rufino, filho de Dora e Lélia 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Gabriela de Almeida – sobrinha neta de Lélia Gonzalez – Rio de Janeiro, 2012 | *Acervo REDEH*

Renzo Lima de Carvalho – sobrinho bisneto de Lélia Gonzalez – Rio de Janeiro, 2012

| *Acervo REDEH*

## *Por uma sociedade justa e igualitária*

Nossa proposta não foi traçar uma árvore genealógica da família Almeida, mas analisar a trajetória de Lélia Gonzalez dentro de um contexto histórico e sua contribuição para os movimentos negro e feminista, além de sua produção acadêmica para os estudos de raça e gênero. No entanto, a família traz uma memória ancestral, resgatando as suas origens, os costumes e as tradições.

Lélia Gonzalez deixou um legado para as mulheres do Brasil e do mundo. Ao assumir essa luta como missão de vida, influenciou decisivamente os rumos desses movimentos de resistência social e estabeleceu as bases que estruturam o movimento de mulheres negras contemporâneo. Desconstruiu visões elitistas e eurocentristas do feminismo brasileiro e mundial, abrindo o caminho para que as mulheres negras afro-latinoamericanas ousassem desenhar como concepção teórica e ação política o que hoje chamamos de feminismo negro.

Assim como o Sankofa – ideograma africano que ilustra um pássaro olhando para trás – cujo significado é “a sabedoria de aprender com o passado, para melhorar o presente e construir o futuro”, esperamos que a herança deixada por Lélia Gonzalez continue dando frutos e que sirva de base e motivação, para todos/as aqueles/as que lutam por uma sociedade justa e igualitária.

Sankofa – símbolo africano e significa: “Nunca é tarde para voltar e buscar o que ficou atrás”.